

Director, editor e proprietário
António Dias Pinto de Castro
—
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4315

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
—
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

PROBLEMAS SOCIAIS ETERNO PROBLEMA! A TUBERCULOSE e a Protecção à Criança

Pelo P.º Manuel Matos.

VII

O círculo vicioso

É uma grande verdade que o pobre vive do rico — ou mediante a esmola propriamente dita, ou pelo trabalho.

Mas também podemos afirmar que o pobre contribui para a riqueza do rico, pois a vida de ambos se entrelaça.

É o que vamos demonstrar.

A vida do homem exige a circulação do sangue.

Se este não circula, o homem morre.

A Indústria e a Agricultura presumpem um consumidor.

O consumo é a circulação — é a vida.

Se não há consumo — não há prosperidade, há a crise e esta é a mensageira da morte.

Ora nós podemos conceber três hipóteses: produção proporcionada ao consumo, produção excessiva para o consumo e produção insuficiente para o consumo.

No primeiro caso a circulação é perfeita. No segundo e terceiro temos a ruína — e a morte.

Ruína, por crise de consumo, excesso de produção.

Morte — por falta de mercadoria, que dá vida ao homem.

Ora, cá em Portugal, tivemos a euforia da produção. Era no tempo das vacas gordas — cujo alimento vinha das Nações em guerra. Nesse tempo vendíamos mais do que podíamos. É lembrar o que se passou com o pão. Tentados pelo dinheiro, lá o deixamos ir.

Mas hoje não é assim. A guerra acabou. Todas as nações procuram remediar-se a si mesmas, comprando o mínimo possível ao estrangeiro. O que procuram é vender-lhe. Daí essa concorrência tremenda que as grandes nações desencadeiam sobre as pequenas, abafando-as com mercadoria a baixo preço.

E se o mercado nacional não tranca as portas às indústrias da

mercadoria estrangeira — surgiria imediatamente o caos económico, a ruína e a morte.

Comprar ao estrangeiro e não lhe vender... seria provocar a nossa própria desgraça.

Daqui resulta a necessidade de limitar a importação, sobretudo quando esta leva o nosso dinheiro e nos não traz outro em troca da nossa produção.

Daqui resulta que o que Portugal faz, também o fazem as outras nações. Fecham os mercados.

Conclusão: Temos de consumir o que produzimos.

Ora a nossa indústria vinha da guerra... Cheia de opulência, ébria de triunfos...

Agora vê-se a braços com nova crise — o excesso de produção e um consumo mínimo.

Este é feito cá por nós.

Somos nós todos os consumidores dos nossos produtos.

Daqui já se conclui que nada adianta produzir de mais.

(A automatização nesta altura é uma loucura).

O consumo deve, pois, equilibrar-se com a produção e vice-versa.

Mas se o consumo interno aumentar, também aumenta a produção? Quem o sugará? Que falta para isso? O conveniente poder de compra.

E é aqui que surge o círculo vicioso: O dinheiro é o intermeio entre o consumo e a produção. Mas o dinheiro provém do trabalho... quanto aos pobres.

Portanto, se há trabalho, há dinheiro; se há dinheiro, há consumo. Se há consumo, pode produzir-se... e a produção traz a riqueza. E eis como o pobre faz a riqueza do rico.

Sem poder de compra não há consumo, e não havendo consumo é inútil a produção.

(Continua na 2.ª página)

A onda dos pedintes é avassaladora!

É um caso mórbido de patologia social.

Aumentam os mendigos, na proporção em que a assistência se desenvolve.

É uma chaga, pelo visto, sem remédio.

Pedintes miseráveis, e vadios mandriões, por vezes se confundem.

É que, na renda do pedir, jamais se perde. Por isso, tudo se pede.

Logo, é manifesta a existência dos profissionais da pedincha.

Mal de hoje? Não. Já as sociedades pretéritas sofreram este mal.

Um escritor do século XVI, pondo em evidência semelhante espectáculo, dizia: — *Mendgam de porta em porta, homens e mulheres, em número avultado, que parecem exércitos.*

Estes exércitos no activo, dão batalha à Caridade. Ontem como hoje, se usa e abusa deste exercício.

Uma parte dos exploradores da esmola, evocam a falta de trabalho. Bordão é este, muitas vezes, que não logra ter fundamento.

Esmorilhando as causas criadoras dos mendigos, é mínima a percentagem das causas legítimas.

Lança mão do recurso esmolero, quem tantas vezes despreza os meios naturais para safar-se da condição de mendigo.

É uma aspiração dos preguiçosos, dos sem-vergonha, viver à custa alheia.

Há leis de repressão aos vadios. Já D. João III os proibia e reprimia, por leis de 1538 e 1544. Por essas leis eram açoitados e degredados os vadios.

No mesmo século XVI, procurou-se prover de remédio certos mendigos infelicitados. Os aleijados das mãos, serviriam gratuitamente a quem os sustentasse. Os aleijados dos pés, aprenderiam o ofício de sapateiro ou alfaiate. Os cegos, tangeriam foles nas oficinas dos ferreiros e serralheiros. E assim por este teor.

Do facto se conclue: que o trabalho ainda é a melhor maneira de resolver o problema da mendicidade. O próprio exercício do trabalho pode resgatar o criminoso. Razão porque, modernamente, para

combater a criminologia, os condenados são postos a trabalhar nas Obras Públicas — sem grilheta nos pés.

Distinguidos na turba-multa dos mendicantes os madraços, fugidos ao trabalho, é obra meritória sujeitá-los às Colónias Penais, onde o labor é prémio e resgate.

As mais fecundas escolas criadoras dos viciosos da pedincha, são os grandes centros urbanos. O êxodo das populações rurais, anda combatido. De longe se vem clamando contra ele. Não obstante, o mal cresce e recresce. Providenciando-se debelar a crise, não se vai à raiz. Aumentam-se os contingentes da Polícia, para que esta dê caça ao mendigo.

Em Guimarães, um dia, procurando-se remédio para apagar a mancha escura dos mendigos — nomeadamente os de fora do concelho — fundou-se a Casa dos Pobres.

Há, ali, o caldeirão da sopa. Lá vão buscá-la os pobres, à maneira como antigamente a buscavam à porta dos conventos. Na Casa dos Pobres se promovem outros meios de assistência. Não falta na Casa dos Pobres a prática de sentimentos caritativos.

E o que se vê? A legião dos pobres e vadios avulta na cidade. O caldo, a esmola, a renda, que a Casa dos Pobres dá, — atrai-os.

Nas ruas e praças públicas o espectáculo dos mendicantes não diminuiu. Possivelmente aumentaria. Quando afirmo que aumenta a mendicidade na proporção em que avulta a assistência, não devaneio. Não fantasio. Ainda há pouco o vi demonstrado em um relatório da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

Constata-se pelos factos. Importa, pois, não facultar meios criadores de mendicantes.

Muitos são os necessitados? Sem dúvida. Curtem fome e frios muitas famílias. A Casa dos Pobres vela pelos indigentes. Grande caridade, é dar. Mas não será menor caridade, para decoro cívico, conduzir até fora das barreiras os pobres — os falsos pobres — em vigiliatura na cidade. Embora o problema da mendicidade requiera, superiormente, outras medidas mais estruturais, mais orgânicas, mais salvadoras.

A. L. de Carvalho.

A REUNIÃO DOS ANTIGOS MILITARES DO REGIMENTO DE INFANTARIA 20

AQUELES que tenho encontrado estão verdadeiramente entusiasmados com o pretexto de reverem antigos camaradas, alguns que nunca mais viram os seus contemporâneos do velho 20, outros pela saudade desses tempos da sua juventude passados no velho quartel de Guimarães, ou nas campanhas de 1914.

O Sr. Tenente-Coronel Martins Ferreira até indicou tantos dos que passaram pelo 20, alguns dos quais certamente poucas lembranças terão dessa época, e é um dos que não falham; o Sr. Capitão Albano Cruz também me escreveu a dizer que contasse com ele, e já tinha comunicado ao restaurante Jordão que lá estaria para o almoço; o João Paulo Mexia, velho e simpático amigo, lá foi também inscrever-se pressurosamente.

E outros ainda, alguns dos quais directamente por pensarem, e muito bem, que esse trabalho só lhes diz respeito e um só é pouca gente para atender a tantas incumbências.

A Missa na capela de S. Miguel do Castelo está assegurada pelos bons ofícios do Rev.º Padre Borda, que também amavelmente se encarregou de se pôr em contacto com os nossos camaradas Sacerdotes para a celebração da Missa.

Aqui lhe deixo expresso, em nome de todos, os melhores e mais respeitosos agradecimentos, e ainda mais pelo seu desgosto de, no caso pouco

provável de não poderem comparecer os dois sacerdotes militares apontados, os substituir, no que teria muito prazer, mas lhe era impossível por ter nesse dia cerimónia religiosa a que não podia faltar.

De modo que parece estar em bom caminho o programa concebido, e também de comparência mais numerosa do que se esperava.

Há porém um pormenor que convém ser esclarecido e que diz respeito aos que se convidam, não pessoalmente, o que seria impossível, mas em conjunto.

É o que diz respeito a postos — soldados, cabos, sargentos e oficiais que pertenceram ao velho 20, e para todas as cerimónias, Missa, romagem aos Paços e almoço, isto para todos indistintamente, sem diferenças de categorias.

Todos, todos, desde os velhos soldados, os antigos cabos, os sargentos reformados e oficiais, todos esses estão convidados, melhor dizendo — convocados — a comparecer a essa reunião, e quantos mais melhor será.

Dizem-me que há industriais e comerciantes que passaram pela «tropa do 20», e devem lá ter nas suas recordações um painel desses tempos da sua juventude, e devem recordar-se de momentos que agora julgam inolvidáveis.

Por que é que não hão-de comparecer?

Lembre-lhes o grande industrial

(Continua na 2.ª página)

GAZETILHA No Regresso DE LISBOA

RATOS...

O povo da Lombardia viu-se há pouco atrapalhado. Pois sofreu em pleno dia um ataque inesperado. Foram ratos, ratazanas. Que aos milhares invadiram Aldeias italianas — Que os habitantes fugiram!

Até parece baleia. A notícia dos jornais. Mas eu acredito nela.

Viveres e cereais. Esses ratos dizimaram. Em avanços infernais.

Detesto essa bicharia. Tão nociva e tão daninha. A roer em pleno dia. Qualquer coisa comezinha...

Há ratos e ratazanas. Que mui gostam de roer. Suculentas comezanas...

Tudo atingem com tal fúria. Em verdadeira invasão. Que até levam à penúria. Qualquer povo — uma nação... Nós por cá também os temos. E de qualidade arteira. Que merecem — bem sabemos — Há muito uma ratoeira. Mas a caça habilidosa. P'ra esses bichos prender. Tem de exibir corajosa. Qualquer coisa de comer...

C. T.

do Presidente da Câmara

O Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, ilustre Presidente da Câmara que esteve em Lisboa a tratar de assuntos de muito interesse para Guimarães, recebeu há dias no seu gabinete os representantes da Imprensa, expondo-lhes vários factos e exteriorizando a sua grande satisfação pelo acolhimento que encontrou, uma vez mais, em vários Departamentos do Estado.

Depois de referir-se à possibilidade de um empréstimo que a Câmara tem em estudo para a realização de um vasto plano de obras, o Presidente do Município deu-nos conhecimento de melhoramentos que vão ser já levados a efeito, tais como: — as obras da Praça de Mumadona, parte das quais a cargo da Junta Autónoma das Estradas e outra parte a cargo da Câmara. A primeira parte desse arranjo começará desde agora, no terreno onde será levantada a Estátua de Mumadona que o Senhor Presidente do Conselho oferece à Cidade, num gesto de muita simpatia por Guimarães. Proseguem as obras do Palácio da Justiça, as quais vão ser franqueadas ao público, aos domingos, a partir das 17,30 horas e em dias de semana mas, neste caso, mediante cartão de autorização passado pelo Presidente da Câmara. Deste modo o público poderá acompanhar, bem de perto, o andamento das obras do novo edifício para o Tribunal.

A Nova Escola Técnica, em edifício novo e grandioso, compre-

(Continua na 2.ª página)

II

Pelo Prof. J. Martins Lima

MERCE da influência das mais recentes terapêuticas da tuberculose, dos antibióticos e quimioterápicos, do auxílio do R. X e radioscopia, dos exames bacteriológicos, em suma, é possível, combater eficazmente a doença e curar um número de doentes cada vez maior.

Para Ricardo Jorge, a tuberculose é «o mais jurado inimigo da vida colectiva». A asserção do grande higienista português é ainda hoje, infelizmente, exacta. Doença pertinaz, rebelde, essencial e fundamentalmente infecto-contagiosa, ela requer tratamento cuidadoso, assistência clínica permanente e, na maior parte das vezes, internamento em estabelecimentos sanatoriais.

Só com os novos métodos terapêuticos da fisiologia, com os recursos da moderna cirurgia torácica, com uma perfeita organização sanitária extensiva a todos os meios e com a vacinação preventiva, é possível combatê-la, eficaz e energicamente.

Há anos atrás, a tuberculose ceifava-nos, impiedosamente, de 12 a quinze mil vidas, por ano. Não foram poupados a essa terrível doença o genial Gomes Coelho, o bucólico Júlio Dinis das Pupilas que numa lição, na Escola Médica, chegou a golpear sangue pela boca (como afirma Ricardo Jorge, de nada lhe valendo o repouso na Madeira), nem o tuberculoso do S6, o grande António Nobre, a quem o clima da Suíça não debelou as repetidas hemoptises que o vitimaram na sua mocidade, nem Soares de Passos e tantos outros. A tuberculose, a bacilose, sendo um estado mórbido, exaltava-lhes o trabalho mental, ainda na opinião de Ricardo Jorge.

Morreram em Portugal, em 1954, para cima de cinco mil almas, devido a doenças pulmonares. É necessário, pois, é urgente que toda a Nação se mobilize, em correspondência aos esforços do Estado (em 1954-55 foi a luta anti-tuberculosa dotada com mais de doze mil contos), que as empresas industriais deem a sua valiosa e útil colaboração, que se intensifique e alargue a assistência médica na primeira infância e no período da

escolaridade com a vacinação a todas as crianças. Mas não basta a mera e simples cuti-reacção à tuberculina.

Temos de pugnar para que o médico entre nas nossas escolas, prescrevendo, entregando a medicação às crianças débeis e predispostas à doença, se abram cantinas em todos os estabelecimentos do ensino primário, se aumente o nível geral de vida da população, fortalecendo e distribuindo o poder económico, fomentando a produtividade do trabalho e do capital, subindo os salários, saneando as habitações e modificando os deficientes regimes alimentares!

Tem de ser criado um serviço de visitadoras sanitárias e sociais que, na escola e no lar, prestem o seu auxílio. Na Casa do Povo e também na Escola têm de organizar-se, com a orientação do médico, inquéritos sobre as condições de vida da criança e dos aglomerados familiares, averiguando do ambiente do lar, as suas necessidades mais prementes — a alimentação e o agasalho. A solução para as crianças pobres e predispostas à tuberculose é o seu imediato e gratuito internamento num preventório ou a contínua observação e tratamento, num dispensário infantil. O dispensário anti-tuberculoso é uma verdadeira e benéfica instituição assistencial de estudo, de observação, de tratamento ambulatorio, onde nada falta, desde a consulta do tisiólogo aos serviços radiológicos, aos laboratórios de farmácia e de análises clínicas.

Sublinhou o Senhor Subsecretário da Assistência Social a urgência em passarmos do domínio da profilaxia, de uma fase, por assim dizer, experimental, para a realização de um programa sistemático de radiastreio, de vacinação, de isolamento dos contagiosos, bem como duma melhoria de vida das populações rurais.

A assistência médica às crianças em idade escolar tem de passar também da simples teoria ao campo das realidades práticas, protegendo, acarinhando-se, cuidando, de facto e realmente, de toda a criação portuguesa!

S. Torcato, 26-2-956.

RECORTES, APONTAMENTOS

(Transcendência da pessoa humana)

II

POR AGNELO GORREIA JR.

É inegável e manifesta a superioridade da pessoa sobre a sociedade e os demais seres infra-racionais. A esta superioridade chamamos transcendência. Se a pessoa é anterior à sociedade é superior a ela e transcende-a; se a pessoa humana entende e quer é superior aos brutos e transcende-os; e se transcende os brutos transcende naturalmente todos os outros seres inferiores.

Por dois motivos fundamentais o homem é superior, transcendente: o primeiro motivo é a sua espiritualidade. Reduzi-lo a um ser simplesmente animal é fazê-lo submergir no mundo e na sociedade como um ser anónimo — célula perdida no seu todo, irreconhecível, indistinto e quase sem valor.

A espiritualidade traz consigo a capacidade de compreender e de dominar. A ideia é a primeira manifestação do espírito. Com ela, com essa ideia que ele faz de si mesmo e do mundo o homem faz um exame a todas as coisas que o rodeiam. Da ideia dimana a técnica que o homem projecta sobre a matéria dominando-a e pondo-a ao seu serviço. Agora o homem é por assim dizer uma espécie de criador.

Do lado oposto estão os infra-racionais que não activam como o homem.

Submersos nos seus meios, todas as suas obras são passividade, resultado do instinto ou do determinismo da matéria. Porquê? — porque carece da ideia e da técnica para que se superem, para que transcendam.

A espiritualidade que faz com que o homem transcenda todos os seres inferiores e a própria sociedade, implica necessariamente uma vida interior que o leva ao bem ou ao mal; de todas as maneiras a um fim que ele intenta. Esta vida interior age fundamentalmente por sua própria conta; os demais elementos que o rodeiam e que de alguma maneira possam ter influência naquilo que o homem faz, são fruto do ambiente em que vive, mas não são eles que fazem rigorosamente com que o homem se determine para este ou para aquele fim, pois quem o determina é como já dissemos, o seu interior.

Depois de pensar fazer isto ou aquilo, ou seja, depois que o homem se determina para este ou para aquele fim pela inteligência, aparece o que nós chamamos amor, ou em melhores termos, a determinação da vontade que assente com a inteligência; a inteligência buscando, entendendo; a vontade querendo, amando. Eis as duas grandes actividades do ser racional — conhecer e

(Continua na 2.ª página)

Mais algumas palavras para terminar

QUANDO da primeira contestação que fiz à propaganda do Sr. Padre Manuel de Matos, sugeri uma resposta à seguinte pergunta: — Devo substituir as máquinas da minha fábrica, por outras modernas, embora sacrificando alguns operários, ou devo conservar as máquinas que tenho com o risco de ter de fechar a fábrica e despedir todo o pessoal?

Tenho aguardado a resposta a esta pergunta, mas, apesar do Sr. Padre Matos ter vindo à liça por três vezes, depois que esta pergunta foi feita, ainda não recebi a resposta. Será porque o Sr. Padre Matos não quer responder e, por isso, tem ladeado o assunto? Não sei. O que é certo é que eu a ele me dirigi, crente de que daria uma solução ao caso, como bom conselheiro, que pretendo ser, e apóstolo da boa moral.

Supuz, que desta controvérsia alguma coisa de aproveitável ficasse, mas sofri uma completa desilusão. Em vez dum espírito conciliador, razoável e justo, que nos trouxesse algo de construtivo para vencermos as dificuldades presentes, apparece-nos absolutamente o contrário.

A classe têxtil não tem necessidade de defensores desta natureza, porque em vez de comporem, quase sempre estragam.

A classe têxtil está devidamente protegida por legislação oficial, que, desde há muito a vem acompanhando. Seria bom que o Sr. Padre Matos se agarrasse também a Santa Luzia, para ver melhor à sua volta e observar, se todos os trabalhadores seus paroquianos têm as regalias da classe têxtil, isto é, se têm Caixa de Previdência que lhe conceda subsídios e assistência médica na doença, abono de família, subsídio de parto e aleitação dos filhos, seguro de desastres de trabalho, férias pagas anualmente e por ocasião do casamento e óbito de pessoas da família, reforma na velhice, salários mínimos, etc., porque, certamente, há-de constatar, que muitos deles não têm nenhuma destas regalias e nem sequer horário de trabalho. E, não obstante esta situação miserável, aguentam ainda, na qualidade de consumidores, com o aumento do custo da produção das classes já beneficiadas.

Para estes, Sr. Padre Matos, é que eu desejava ver dirigida toda a sua atenção, pondo à prova a sua actividade e inteligência, em prol dos mesmos. Aquela classe já é protegida pelo Governo, o qual, quando entender que a sua situação deve ser melhorada, o fará.

Desde que o Sr. Padre Matos não respondeu à pergunta, a que acima me refiro, eu podia não responder, também, as suas perguntas. Mas não quero seguir o seu exemplo e, portanto, vou responder àquelas que me faz no seu último artigo. Ei-las:

1.ª — Qual será a função social da riqueza perante o trabalho?

Respondo: — Aquela que eu e todos os patrões lhe estão dando, com a alimentação do trabalho dos seus operários.

2.ª — Será boa política social afe-rolhar com a riqueza, furtando-a à colaboração com o trabalho?

Respondo: — Não! Os patrões costumam, em regra, trazer todo o seu dinheiro em movimento, e muitas vezes, ainda recorrem ao crédito dos Bancos. E, se porventura há acréscimo, desenvolvem a sua indústria, dando, assim, mais trabalho aos operários.

3.ª — Aquele que consegue riqueza, mediante a fiel e leal colaboração dos seus operários, pode tranquilamente despedi-los, ficando a gozar a vida?

Respondo: — O patrão não fica a gozar a vida mas continua a trabalhar e a administrar a sua casa, para garantir o trabalho aos que ficaram.

Ora aí ficam satisfeitas as suas perguntas. E, feito isto, vou pôr termo a esta polémica que, pelo que vejo, nada de útil está produzindo.

Depois do Sr. Padre Matos desconhece, por completo, o que seja o trabalho industrial e as suas particularidades, de modo que baralha as coisas por tal forma, que não nos podemos entender. Mas, antes de dar fim a isto, quero deixar aqui bem expresso o meu formal protesto:

1.ª — Contra a afirmação de que os patrões são os culpados nas montagens de máquinas modernas e, portanto, no despedimento dos operários.

2.ª — Contra as insinuações, que se fizeram, ofensivas da honra e da honestidade dos patrões.

E, por último, recomendo ao Sr. Padre Matos (eu também posso dar conselhos, porque sou mais velho) a pôr em execução os princípios morais que nos aconselhou, começando por quem o serve e ver se ganha, diariamente, tanto como um tecelão e dar-lhe as mesmas regalias da classe têxtil.

Depois, lembrar-se também, que tem nas suas mãos uma parte do rendimento da freguesia que lhe pertence, como seu leal e fiel colaborador. E assim que poderá servir de modelo e exemplo a seguir por nós, porque de Frei Tomás está o mundo cheio. Além disto, muito estimarei que continue a pastorear as ovelhas da freguesia de Gonça e que nunca pretenda mudar para outro lugar mais cómodo e rendoso.

O Sr. Padre Matos diz perdoar-me as insinuações maldosas (não sei quais elas sejam) mas eu, pela minha parte, também lhe perdoo os agravos que nos fez e fico fazendo votos para que seja um Bom Pastor e que nunca enfileire nas excepções da sua classe, a qual eu sempre considere e estimei, pela sublime missão de ganhar almas para Deus.

E, ponto final na matéria.

Joaquim de Almeida Guimarães.

P. S. — Depois destas palavras escritas e enviadas ao *Notícias*, para serem publicadas, como resposta final, no número de domingo passado, e cuja publicação se não fez por razões particulares, li o artigo último do Sr. Padre Matos que, sem ferir ninguém, trata o assunto convenientemente. Assim, já nos poderemos entender e, em colaboração leal, algo será possível dizer acerca do grande problema: *Trabalho para todos*.

J. A. G.

A reunião

dos antigos militares do Regimento de Infantaria 20

(Continuação da 1.ª página)

de automóveis, o rival do Ford na Europa, o Citroën que foi cabo durante a guerra de 1914/18 e tão vincada lhe ficou essa honra de ter sido cabo do Exército Francês, que todos os seus automóveis exibem as suas divisas de cabo, de 1.º cabo, como no nosso Exército, e são duas tiras estendidas em ângulo nos radiadores dos carros que saem das suas enormes oficinas — o 1.º cabo Citroën.

E desta reunião pode surgir um programa de comemoração do quadragésimo aniversário, em 1958, da bela resistência do R. I. 20 nas terras de França, sem contudo esquecer o sacrifício dos seus soldados no Sul de Angola, com a revivescência para os velhos do que foi a actividade exterior do velho 20. — Alvorada no «Quartel» por um terno de corneteiros, a Missa regimental com os sobreviventes, vários toques durante o dia, o de doentes, do quartel geral, o saudoso cabo Tomás, de fuchinas, cabos de dia, da instrução, do rancho por ocasião do almoço, da música, da ordem, de detidos e convalescentes, de acender luzes, de corneteiros e finalmente o do recolher, ali no Toural em frente ao Hotel, e passando com caixas e cornetas a tocar pela Porta da Vila, Rua da Rainha, de Santa Maria, Carmo e terminando à porta do Quartel.

Haverá algum velho militar do 20 que não queira sonhar acordado com as imagens que este programa lhe possa sugerir?

Para isso se poder realizar em 1958 é necessário que todos os que passaram por aquele Quartel compareçam no próximo dia 11.

Jugueiros — Felgueiras, 27 de Fevereiro de 1956.

A. DE QUADRO FLORES.

N. da R. — A Missa do próximo dia 11, domingo, será rezada no templo de S. Miguel do Castelo e não no templo de Nossa Senhora de Oliveira, como a princípio se noticiou.

TEATRO JORDÃO

Domingo, 4/3 às 15 e às 21,30 horas
Segunda, 5/3 às 21,30 horas

CINEMASCOPE

O Escudo Negro

Tony Curtis, Janet Leigh, David Farrar
(Espectáculo para maiores de 13 anos)

Terça, 6/3 às 21,30 horas

Cavaleiro Andaluz

Jorge Mistral, Carmen Sevilla
(Espectáculo para maiores de 13 anos)

Quinta, 8/3 às 21,30 horas

Não me condenem

(Espectáculo para maiores de 13 anos)

Sábado, 10/3 às 21,30 horas

A Espada de D'Artagnan

(Espectáculo para maiores de 13 anos)
(151)

Recortes, Apontamentos

(Continuação da 1.ª página)

amar resultantes das duas faculdades que o fazem superior aos demais seres: inteligência e vontade.

Quando a sociedade esquece que o homem é um ser superior e exige dele esforços ou o obriga a acções que estão manifestamente fora do seu entender ou querer; ou quando o homem percebe que a sociedade não o considerou ainda como um ser superior mas que por necessidade tem de prestar a sua colaboração à mesma sociedade como se fora um ser bruto ou uma máquina que cose, dobra ou faz artefactos—mera combinação de peças, daí nascem as contrariedades interiores, crescem as paixões, fica embutida a inteligência e a vontade não adere a outra coisa que não seja o mal pensado pela inteligência; daí vêm as anarquias, as greves, os motins e as grandes revoluções.

O homem particular, é uma imagem do ser Absoluto que é Deus e este é o segundo motivo da sua transcendência. Hegel afirmou que o verdadeiro filho de Deus era a colectividade como se a colectividade fosse anterior ao homem particular. Não, só o homem particular possui um espírito em sentido rigoroso; o espírito da colectividade, do estado, sómente em sentido análogo poderá assim ser chamado. A sua cultura e as suas instituições não são verdadeiramente suas; em realidade são do homem particular, obra do espírito que nele habita o que deve ser respeitado por ela.

No Regresso

(Continuação da 1.ª página)

dendo oficinas, as únicas do País, pavilhão para aulas, ginásios e recreios, é também um melhoramento cuja construção se iniciará em breve, no Proposto, no amplo local onde existe a Escola Industrial e Comercial.

O Sr. Presidente da Câmara referiu-se, no decorrer da conversa com a Imprensa, às importantes obras em estudo e de que foram incumbidos os Arquitectos Peres Fernandes e Luís Benavente, afirmando que é provável iniciarem-se em breve as negociações para as expropriações de prédios para a Alameda de S. Dâmaso e para a Avenida Salazar. O início dessas obras dependerá, bem o sabemos, do êxito das *démarches* que vão ser feitas. Mas uma vez começadas proseguirão, segundo no-lo afirmou o Sr. Dr. Castro Ferreira, em ritmo acelerado, como é desejo de todos os vimaranenses e, também, do Sr. Ministro das Obras Públicas, cuja dedicação pelo progresso de Guimarães merece uma especial referência e os maiores louvores de todos nós.

Segundo a exposição feita pelo Sr. Presidente da Câmara e a que nos estamos referindo, foram tratados, entre outros assuntos de importância, mais os seguintes: — possibilidade da construção de um Hotel; Abastecimentos de Águas a Pevidém e a Vizela; construção de um prédio na Rua Dr. Joaquim de Meira, no gaveto com a Rua Capitão Alfredo Guimarães; construção da Central de Camionagem; novo edifício para a Caixa Geral de Depósitos; Casas para classes pobres e de renda económica para a classe média; construção do Novo Liceu, etc. Também fomos informados de ter sido autorizada a comparticipação para a Obra de Saneamento da Rua d'Arcela.

O Sr. Dr. Castro Ferreira esteve, durante a sua estadia em Lisboa, nos Ministérios das Obras Públicas e do Interior, na Direcção Geral de Urbanização, no Supremo Tribunal Administrativo, etc., tendo sido acompanhado em algumas das visitas pelo Presidente da Comissão Concelhia da U. N., Sr. Engenheiro Duarte Amaral, e noutras pelo Deputado Capitão Magalhães Couto, que, igualmente, muito se têm interessado pelo progresso da sua e nossa Terra.

Apraz-nos registar, a reconhecida força de vontade da vereação actual e bem assim o espírito de sacrifício do seu dinâmico Presidente que, com o sacrifício da sua própria saúde, vem dedicando aos problemas de Guimarães, a sua melhor atenção.

DOS LIVROS Problemas Sociais

(Continuação da 1.ª página)

SOB O MANTO DO PASSADO

de Natércia Silva.

Através de uma obra de ficção o romancista dem de dominar, soberanamente, o fenómeno psicológico das suas personagens nas variadíssimas formas de vivência, ou seja, como se afirmara já, nas nuances da acção que as envolve.

É este, sem dúvida, um dos aspectos primaciais a observar e distinguir: o conteúdo psicológico na relatividade específica de meios, ambiente, estrutura de diálogos, crescendo da dramatização mais ou menos intensa. (E, a propósito, estamos a recordar certas figuras extremamente verídicas de Maupassant).

Uma personagem psicologicamente frustrada, quer dizer, fora do curso em que o autor a concebeu e o leitor principia a conhecê-la, a defini-la espiritualmente como se fora imagem real, pode até certo ponto, negar o valor de uma obra. Não basta, pois, criar personagens. Psicologicamente impõe-se saber mantê-las em nível coerente, enquadradas com lógica, com sentido de firme observação e perspicácia nas contingências das suas vidas.

Nas principais figuras do seu romance *Sob o manto do passado*, a jovem escritora brasileira Natércia Silva oferece-nos promissoras faculdades e possibilidades. Atinge admirável fidelidade, até nas passagens em que o drama assume singular transcendência. (Quando Caterina, principal personagem da obra, corria o risco de ser vítima do próprio sogro, dementado por uma paixão ardente, a pormenorização da cena e o diálogo são, na verdade, dignos de uma grande escritora).

A própria estrutura do romance é firme e séria. É uma história ampla e vigorosa, que aos poucos atinge o dramático sem precipitações.

Uma rapariga luta, através da vida, para vencer — e vence — embora nas lágrimas, na dor, no infortúnio. Noutros personagens — e são muitos — Natércia Silva se afirma escritora de firme idealização psicológica, aqui e além com suavidades líricas.

Caterine é a figura central que vive um grande romance de amor e tragédia.

Embora um pouco dúctil aos arroubos do coração — por vezes discretamente impulsiva — é uma grande figura de romance.

Para além do conceito de dramaturgia, a par da serenidade e aceitação filosófica (a discussão com um padre sobre temas espirituais revela a cultura e a independência duma mulher consciente da sua opinião), há nesta obra um conceito de *humanismo social* que muito a valoriza, pois é uma lição, não de conformismo perante os factos mas de triunfo perante as contingências amargas em que a vida é quase sempre fértil.

Concordamos que ainda vale a pena fazer bem e compreender a justiça de Deus.

POESIA E CRÍTICA

de Marques Portugal.

Trata-se dum pequenino livro que reúne cinco poemas e algumas expressivas críticas a obras que o autor publicou.

Acerca da poesia deste nosso distinto camarada, que revela um alto sentido espiritual e humano e que vai até o inconformismo estético para uma mais profunda e vigorosa expressão de ideias e sensibilidade, escreveu Jaime Brasil:

«A estreia do poeta Marques Portugal, com *Novas do Nocturno*, é a revelação dum talento que promete. Poeta que não é alheio às dores do mundo».

S. M.

POEIRA BRANCA

por Aizul.

Poetisa de aguda sensibilidade, Aizul palpa muito para além da vida corrente o círculo que envolve a sensibilidade e a nuvem que se enovela no bem-querer.

Seus versos possuem a vibração que não deixa morrer um nome;

Foi o caso do vinho... o caso das batatas... é o caso do arroz e é o do milho... e é finalmente o caso de tudo quanto se produz e está em armazéns ao pó...

Daqui conclui-se logicamente: uma nação vive do trabalho do seu povo. Quem não vê, portanto, a necessidade imperiosa de manter os trabalhadores em laboração?

Quem não vê, portanto, a desgraça duma nação quando reina o desemprego?

Que é, pois, necessário? Trabalho e salário conveniente.

Aumentar o poder de compra, limitando o lucro ao necessário e alargando o salário.

Está visto que o pobre se mais tem, mais gasta.

É o dinheiro em movimento... e isto é a vida da indústria e da agricultura.

O Salário e o Trabalho, são o segredo da solução da questão social... e da crise.

Terminamos, dizendo: quando numa semana o operário ganhou 100; na outra 80; na seguinte 60 a seguir 40... e depois vai para a rua... está tudo perdido... é a morte.

Conclusão final: o poder de compra activa o consumo. O consumo activa a produção. A produção traz a riqueza.

O baixo salário limita o consumo. Um consumo limitado implica uma limitação de produção, caso contrário há a crise de abundância... pára o trabalho... surge o desemprego, é a miséria... é a derrocada.

«Não somos demais, dizia Salazar, para continuar Portugal», mas somos muito menos para consumir o que produzimos — mesmo que, na guerra, o estrangeiro nos gastava e agora dispensa.

Uma nação é feliz quando todo o seu povo trabalha.

E ninguém tenha medo de comunismo.

Só entre miseráveis encontra acolhimento.

E ninguém mais miserável do que aquele que quer trabalhar e não tem onde.

Eis, porque repetimos: uma nação é feliz quando todo o seu povo trabalha.

DESPEDIDA

Manuel Carlos Soares, filho do concessionário dos Transportes Soares, tendo-se ausentado para Luanda, onde foi dedicar-se à vida comercial, vem por este meio e na impossibilidade de o fazer pessoalmente, despedir-se dos seus inúmeros amigos e muito especialmente dos seus colegas do HOQUEI.

Guimarães, 28 de Fevereiro de 1956.

147 Manuel Carlos Soares.

cada poema está certo dentro da universalidade do sentir.

SULCO

Deixaste um sulco em meu peito,
Abri meu peito onde a vida,
Onde a vida era demais.

Deixe-me em sombra parada
Sentindo o mundo tremer...

Restos duma tarde
Batiam nas rosas...

Logo vou ser outra
Sem me conhecer...

Brasileira vivendo em Portugal,
Aizul sente dois amores: o da terra
longínqua e o da terra presente.
Na sua personalidade de frémito,
ambas vivem a paz!

Nos seus livros, de inspiração espontânea e sentido vasto, toda a Vida estremece.

ANALOGIA

... Há sombras mais recortadas...
Arrasta mais devagar
Aquela porta vermelha...

Há peso de muitos dias
Naquela porta vermelha...

Nada tanto se assemelha
Ao peso dos nossos dias



NÃO DEIXE AUMENTAR A SUA

BARRÈRE

HERNIA

NÃO ESPERE QUE SEJA MUITO TARDE

Experimente a funda

BARRÈRE DE PARIS

Sem molas e sem pelotas que lhe garante a contenção perfeita e cómoda das suas hérnias

APROVEITE A PASSAGEM DO ESPECIALISTA BARRÈRE EM

GUIMARÃES, NO DIA 14 DE MARÇO

FARMÁCIA NOBEL

INSTITUTO BARRÈRE DE PORTUGAL

LISBOA - RUA NOVA DA TRINDADE, 6-1.º - TELEF. 2.4168

Ensaio gratuito

CARTA A UMA SENHORA

Minha Senhora:

O caso do dia, em Londres, tem sido o aparecimento de um monstro misterioso no rio Tamisa, exemplar absolutamente desconhecido, com grandes barbatanas e olhos muito vermelhos. Peritos do Museu de História Natural, de Londres, examinando umas fotografias que um americano conseguiu tirar ao recém-aparecido bicharoco, quando se deslocava a pequena velocidade, não conseguiram identificá-lo.

O americano que o fotografou e outras pessoas que puderam vê-lo afirmaram que a parte do corpo visível fora da água devia ter cerca de metro e meio de altura e que a parte não visível, a avaliar pela ondulação que o mesmo levantava à sua volta, dava a impressão de ter debaixo da água um corpo com onze metros de comprimento. Como se trata de um animal visto pela primeira vez, os londrinos não deixam de comentar esse acontecimento e procuram desvendar esse curioso mistério. Quem sabe se é o espectro da pena de morte que a Câmara dos Comuns aboliu, recentemente, e com o que o governo inglês parece não se ter conformado? Porém, o que é certo é que não se compreendia que na Inglaterra, grande e poderosa Nação de tradições liberais, humanas e outras, ainda existisse a repugnante e brutal pena de morte, mancha de sombra negra e fanatizadora na civilização de um povo. A este respeito, transcrevo do jornal *Republica* a opinião do ilustre e conhecido colaborador daquele diário, Sr. César Nogueira, que nos diz o seguinte sobre a pena de morte:

«Apesar das objecções do Governo inglês, a Câmara dos Comuns aprovou, recentemente, por uma maioria de 31 votos, ou seja, por 293 votos contra 262, a abolição da pena de morte como castigo, no seu Código Penal. Nesta votação entraram conservadores e trabalhistas. Não foi um problema político: era uma questão de consciência e de coração.

Foi um gesto humano!

A pena de morte é, em síntese, um crime legal, porque não há o direito de tirar a vida a ninguém. A morte é uma lei da Natureza e não humana. Matar para castigar um crime, é cometer outro crime, sancionado pela Lei, a qual, por vezes, é falível.

Depois, a pena de morte é, muitas vezes, como tem acontecido e na própria Inglaterra se certificou, um acto que vitima um inocente, condenado por falsas aparências, testemunhos suspeitos ou por insuficiência dos processos ou dos julgamentos.

Se o inculminado está inocente, quem lhe dá a vida depois de enforcado, guilhotinado, fuzilado ou garrotado. E matar um inocente, que não poderá, jamais, reabilitar-se em vida, posto que, depois de succumbir, ele já não poderá desfrutar a satisfação de provar que era um inocente, uma vítima de injustiças e de erros judiciários e que estava quite com a sua consciência perante a Sociedade.

Basta este erro judiciário para solenemente condenar a pena de morte, que é anti-humana e contra as leis da Natureza.

Só esta, como dissemos, é que tem o direito de matar, isto é, de extinguir a vida dum indivíduo, quando lhe chega a sua vez de morrer.

O que é para estranhar é que, sendo a Inglaterra um país que se apresenta como civilizado, só agora, em pleno século XX, e na era atômica, tivesse o nobre gesto de abolir a pena de morte no seu território, quando em muitos países, mais ou menos progressivos, a pena de morte já não existe há muito tempo.

É verdade que, na grande França, essa nação que se alardeia de civilizadíssima e de ser o farol da civilização do Mundo, ainda funciona essa prosecta e infamante disposição legal, simbolizada na guilhotina! Não honra a Pátria da Declaração dos Direitos do Homem!

A pena de morte em Portugal já há dezenas de anos que não figura no seu Código Penal, assim como a vergonhosa sentença dos trabalhos públicos, o que era assim como trabalhos forçados.

Foi em 1 de Junho de 1867 que essas desumanas punições foram abolidas. Há, pois, 89 anos, quase um século, que em Portugal não se mata legalmente um indivíduo, o que é uma página de honra para a sua História e uma boa nota de civilização.

Castigar um crime com outro crime, ainda que à face da lei, é contrário a todos os sentimentos humanos e até do espírito, daqueles que se professam cristãos. Já Cristo disse: «Não matarás!».

O direito de morte, ainda repetimos, só pertence à Natureza. Aos homens só compete o dever de livrar a Sociedade dum criminoso, que é determinado por várias influências psicológicas e sociais, e reduzi-lo, para que possa ser, no futuro, um ente regenerado e prestável à Humanidade.»

E agora, minha Senhora, como o que está em causa não é a pena de morte, que, felizmente, já há longos anos foi banida do Código Penal do nosso país, quero, apenas, fazer um ligeiro aditamento à minha última carta a propósito do poder produtivo da máquina, cujo aditamento consiste no exemplo seguinte: Nos Estados Unidos da América, um operário de uma fábrica de pregos poderá fazer 16 pregos por hora, ao passo que uma máquina, para esse efeito, dá uma produção de 16.000 dos mesmos pregos naquele espaço de tempo, isto é, mil vezes mais!!! Ora, o que acontece na América, acontecerá, com certeza, em outros países, assim como o que acontece com os pregos acontecerá com outras produções, embora em escala variável.

Quanto a comentários, poder mais alto do que o meu se levantará. Desculpe-me, minha Senhora, se estes assuntos não lhe merecem interesse, mas como nem tudo pode correr ao paladar de cada um, V. Ex.ª não estranhará que mais uma contrariedade se junte a outras que, por ventura, tenha tido. Está assim o mundo e a pretensão de o endireitar parece torná-lo cada vez mais torto. Pelo menos, que o termómetro ganhe juízo para que a temperatura não continue a ser comandada pela escala negativa. Assim acontecerá, porque o mês de Março, mensageiro da Primavera, não se manterá agachado debaixo do zero...

Março de 1956.

De V. Ex.ª At.º Vir. e Ob.º

X.

BENEFICÊNCIA DO «NOTÍCIAS»

Transporte 90\$00

Recebemos da Sr.ª D. Albertina Peixoto de Sousa Teixeira, de Vila Pery, sufragando a alma de seu irmão, sr. José Peixoto de Sousa, falecido há tempos em Espanha. 100\$00

Um anónimo sufragando a alma de uma pessoa de família recentemente falecida 50\$00

A transportar 240\$00

RELAÇÕES BRINDES LUSO-BRASILEIRAS

Homenagem ao CONDE DA COVILHÃ

Rio de Janeiro, 28-1 (por avião) — Retardada

Os *Diários Associados* ofereceram hoje, no Casino da Urca, onde actualmente funciona o TV-Tupi, um almoço de homenagem ao sr. Conde da Covilhã, banqueiro e industrial luso-brasileiro, que aqui veio, além de por motivos particulares das suas organizações, assistir à posse do Presidente Juscelino Kubitschek para que fora especialmente convidado.

Assistiram ao almoço, que decorreu num ambiente de franca cordialidade, individualidades das mais representativas dos meios sociais, políticos, financeiros, industriais e jornalísticos do Rio de Janeiro.

Entre outros estiveram presentes os senadores Assis Chateaubriand e Cunha Melo; Cayoso de Alameda, Governador de Ploubi; deputado Renato Archer, Janduby Carneiro, Costa Rodrigues, António Dino e Freitas Diniz; General Anapio Gomes, Regis Pacheco, antigo Governador da Bafa; José Rebello, J. Negrão de Lima, Miguel Bahary, Louis La Seigne, J. Amâncio dos Santos, Machado Coelho, Octávio Carvalho, Luis Santos e António Bayma, ministro Vítor Teixeira de Matos, Conselheiro da Embaixada da Holanda e esposa, António Accioly Neto, director do *Crusiro*; Ricardo Seabra, Dr. Francisco Santos Filho; Dr. Austregésilo de Athayde, Dr. Gilberto Bandeira de Melo, diplomata; Aloysio Salles, banqueiro; Guilherme Figueiredo, escritor e director da TV-Tupi; Américo Breia e esposa; Dr. Delfim Alexandre Ferreira e esposa; Walter Quadros, David Nasser e Flávio Damm, Odorico Tavares, Carlos Frias, Jean Paul, Leon Darcyl, etc.

O Dr. Assis Chateaubriand traçou um rápido perfil do sr. Conde da Covilhã, lembrando os tempos em que com ele travou relações de amizade, fortalecidas depois nos frequentes encontros em Portugal e no Brasil, pois o banqueiro e grande industrial português é pelo seu coração, por várias iniciativas económicas e por interesses espalhados nos dois países que o trazem muitas vezes ao Brasil, onde residiu alguns anos, um verdadeiro luso-brasileiro.

O distinto homenageado agradeceu ao Dr. Chateaubriand a sua saudação louvando não só as suas extraordinárias qualidades de inteligência e trabalho mas o seu dinamismo que o fez uma das grandes figuras do Brasil e da América.

A assistência associou-se às palavras do Conde da Covilhã com o maior apreço e entusiasmo e tributou-lhe e ao Dr. Assis Chateaubriand uma calorosa ovação.

Durante o almoço fizeram-se ouvir vários dos mais renomados artistas da TV-Tupi que foram muito aplaudidos.

Recebemos vistosos calendários para o ano corrente, que nos foram oferecidos pela Companhia de Seguros «A Social», de que é agente nesta cidade o sr. A. Gouveia, e pelas seguintes firmas: Luis Teixeira de Carvalho & Irmãs, desta cidade (estabelecimento de Drograria e materiais de construção); João Nunes Sequeira, de Santo António das Areias, agente dos papéis de fumar «Sem Fim» e «Toro» e dos afamados pimentões «Flor do Pereiro», e Companhia de Seguros «L'Urbaine», por intermédio do seu agente sr. João Saraiva de Carvalho Brandão.

Recebemos um vistoso calendário de *Máquinas Oliva*, também para o ano corrente.

Da firma Almeida & Neves, Ltd.ª, com Armazém de Papéis, etc., recebemos igualmente um interessante calendário.

Também recebemos da Companhia União Fabril um lindo calendário para o ano corrente.

Da «Companhia Fabril do Norte» da Senhora da Hora, recebemos também, como de costume, o seu vistoso calendário para o ano corrente.

Dignaram-se mais oferecer-nos calendários, a Sapataria Vimaranesense, o Sr. T. Mendes Simões, Agente de Vinhos KOPKE; o Sr. José Manuel Mendes Simões, e Aristides de Barros Ferreira, Agente de Novos (Novas Indústrias de Materiais de Construção, L.ª) e da Empresa das Águas Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas.

Também recebemos de A Financiadora — Organização de Crédito, L.ª, com sede em Lisboa, um vistoso e útil calendário de meses.

A todos os nossos agradecimentos.

Recebemos um vistoso calendário de *Máquinas Oliva*, também para o ano corrente.

Da firma Almeida & Neves, Ltd.ª, com Armazém de Papéis, etc., recebemos igualmente um interessante calendário.

Também recebemos da Companhia União Fabril um lindo calendário para o ano corrente.

Da «Companhia Fabril do Norte» da Senhora da Hora, recebemos também, como de costume, o seu vistoso calendário para o ano corrente.

Dignaram-se mais oferecer-nos calendários, a Sapataria Vimaranesense, o Sr. T. Mendes Simões, Agente de Vinhos KOPKE; o Sr. José Manuel Mendes Simões, e Aristides de Barros Ferreira, Agente de Novos (Novas Indústrias de Materiais de Construção, L.ª) e da Empresa das Águas Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas.

Também recebemos de A Financiadora — Organização de Crédito, L.ª, com sede em Lisboa, um vistoso e útil calendário de meses.

A todos os nossos agradecimentos.

O distinto homenageado agradeceu ao Dr. Chateaubriand a sua saudação louvando não só as suas extraordinárias qualidades de inteligência e trabalho mas o seu dinamismo que o fez uma das grandes figuras do Brasil e da América.

A assistência associou-se às palavras do Conde da Covilhã com o maior apreço e entusiasmo e tributou-lhe e ao Dr. Assis Chateaubriand uma calorosa ovação.

Durante o almoço fizeram-se ouvir vários dos mais renomados artistas da TV-Tupi que foram muito aplaudidos.

Recebemos vistosos calendários para o ano corrente, que nos foram oferecidos pela Companhia de Seguros «A Social», de que é agente nesta cidade o sr. A. Gouveia, e pelas seguintes firmas: Luis Teixeira de Carvalho & Irmãs, desta cidade (estabelecimento de Drograria e materiais de construção); João Nunes Sequeira, de Santo António das Areias, agente dos papéis de fumar «Sem Fim» e «Toro» e dos afamados pimentões «Flor do Pereiro», e Companhia de Seguros «L'Urbaine», por intermédio do seu agente sr. João Saraiva de Carvalho Brandão.

Recebemos um vistoso calendário de *Máquinas Oliva*, também para o ano corrente.

Da firma Almeida & Neves, Ltd.ª, com Armazém de Papéis, etc., recebemos igualmente um interessante calendário.

Também recebemos da Companhia União Fabril um lindo calendário para o ano corrente.

Da «Companhia Fabril do Norte» da Senhora da Hora, recebemos também, como de costume, o seu vistoso calendário para o ano corrente.

Dignaram-se mais oferecer-nos calendários, a Sapataria Vimaranesense, o Sr. T. Mendes Simões, Agente de Vinhos KOPKE; o Sr. José Manuel Mendes Simões, e Aristides de Barros Ferreira, Agente de Novos (Novas Indústrias de Materiais de Construção, L.ª) e da Empresa das Águas Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas.

Também recebemos de A Financiadora — Organização de Crédito, L.ª, com sede em Lisboa, um vistoso e útil calendário de meses.

A todos os nossos agradecimentos.

Fábrica de Tecidos de Moreirense, L.ª

CONVOCAÇÃO

Por este meio são convocados os sócios desta sociedade para a Assembleia Geral Ordinária que há-de realizar-se no dia 23 de Março, pelas 17 horas, na sua sede, lugar de Pero Questém, freguesia de Moreira de Cónegos, Guimarães, com a seguinte ordem do dia:

- apreciação e aprovação das contas do exercício de 1955 e respectivo balanço;
- nomeação de outro gerente para substituir o gerente falecido;
- qualquer assunto que possa interessar à vida social.

Guimarães, 2 de Março de 1956.

O Gerente,
Isac Ferreira Guimarães.

Progresso na PANAIR DO BRASIL

O jornalista e senador Assis Chateaubriand, sempre atento perante os problemas das actividades aeronáuticas, de que tem sido um impulsor desde os primeiros momentos, analisa nós seus *Diários Associados* a posição ocupada recentemente pela Panair, a grande empresa de navegação aérea comercial que ajudou a fundar e que há muitos anos colocou o Brasil no primeiro plano dos países que mais têm contribuído para o desenvolvimento das comunicações pelo ar.

Regozija-se com alguns melhoramentos verificados nos serviços, em especial no que se refere à alimentação a bordo e ao acatamento dos horários, e insurge-se contra a greve dos pilotos, que recentemente se registou, afirmando que «eles não podiam ter agido de modo mais impiedoso e desumano e que foram autênticos inimigos de si mesmos, antes de o serem de seus patrões e da sua casa».

A seguir, declara: — «Nenhuma companhia de navegação aérea luta com competidores de invejável pujança, do poder dos recursos da Panair do Brasil. Quantas companhias de governos ela enfrenta no Oceano Atlântico? São todas competidoras, ajudadas pelos cofres dos seus respectivos Estados: o francês, o inglês, o espanhol, o russo, o italiano e o argentino. Agora vão ver os portugueses e os alemães.

«Sözinha, com uma ínfima subvenção, combatida por companhias armadas de um material *up to date*, a Panair realiza verdadeiros prodígios, mantendo com um material de voo obsoleto, galhardamente, as suas linhas».

As últimas palavras do ilustre homem público brasileiro são, entretanto, de esperança. Referem-se ao novo material que vai ser utilizado nas carreiras da Panair e que colocará esta empresa «na primeira linha das empresas que atravessam o Atlântico». E conclui:

— Troquei duas outras companhias por ela. E não me arrependo:

- a) Porque é brasileira;
- b) Porque, fraca hoje, mas ajudada pelo incentivo dos seus compatriotas, ela voltará a ser grande, forte e poderosa amanhã, como já o foi outem.

«Se sem recursos novos, ela já recuperou o que vos dar, imagine-se o *show* que não irá dar com a sua *toilette* nova, de D. C. 71».

Recebemos vistosos calendários para o ano corrente, que nos foram oferecidos pela Companhia de Seguros «A Social», de que é agente nesta cidade o sr. A. Gouveia, e pelas seguintes firmas: Luis Teixeira de Carvalho & Irmãs, desta cidade (estabelecimento de Drograria e materiais de construção); João Nunes Sequeira, de Santo António das Areias, agente dos papéis de fumar «Sem Fim» e «Toro» e dos afamados pimentões «Flor do Pereiro», e Companhia de Seguros «L'Urbaine», por intermédio do seu agente sr. João Saraiva de Carvalho Brandão.

Recebemos um vistoso calendário de *Máquinas Oliva*, também para o ano corrente.

Da firma Almeida & Neves, Ltd.ª, com Armazém de Papéis, etc., recebemos igualmente um interessante calendário.

Também recebemos da Companhia União Fabril um lindo calendário para o ano corrente.

Da «Companhia Fabril do Norte» da Senhora da Hora, recebemos também, como de costume, o seu vistoso calendário para o ano corrente.

Dignaram-se mais oferecer-nos calendários, a Sapataria Vimaranesense, o Sr. T. Mendes Simões, Agente de Vinhos KOPKE; o Sr. José Manuel Mendes Simões, e Aristides de Barros Ferreira, Agente de Novos (Novas Indústrias de Materiais de Construção, L.ª) e da Empresa das Águas Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas.

Também recebemos de A Financiadora — Organização de Crédito, L.ª, com sede em Lisboa, um vistoso e útil calendário de meses.

A todos os nossos agradecimentos.

O jornalista e senador Assis Chateaubriand, sempre atento perante os problemas das actividades aeronáuticas, de que tem sido um impulsor desde os primeiros momentos, analisa nós seus *Diários Associados* a posição ocupada recentemente pela Panair, a grande empresa de navegação aérea comercial que ajudou a fundar e que há muitos anos colocou o Brasil no primeiro plano dos países que mais têm contribuído para o desenvolvimento das comunicações pelo ar.

Regozija-se com alguns melhoramentos verificados nos serviços, em especial no que se refere à alimentação a bordo e ao acatamento dos horários, e insurge-se contra a greve dos pilotos, que recentemente se registou, afirmando que «eles não podiam ter agido de modo mais impiedoso e desumano e que foram autênticos inimigos de si mesmos, antes de o serem de seus patrões e da sua casa».

A seguir, declara: — «Nenhuma companhia de navegação aérea luta com competidores de invejável pujança, do poder dos recursos da Panair do Brasil. Quantas companhias de governos ela enfrenta no Oceano Atlântico? São todas competidoras, ajudadas pelos cofres dos seus respectivos Estados: o francês, o inglês, o espanhol, o russo, o italiano e o argentino. Agora vão ver os portugueses e os alemães.

«Sözinha, com uma ínfima subvenção, combatida por companhias armadas de um material *up to date*, a Panair realiza verdadeiros prodígios, mantendo com um material de voo obsoleto, galhardamente, as suas linhas».

As últimas palavras do ilustre homem público brasileiro são, entretanto, de esperança. Referem-se ao novo material que vai ser utilizado nas carreiras da Panair e que colocará esta empresa «na primeira linha das empresas que atravessam o Atlântico». E conclui:

— Troquei duas outras companhias por ela. E não me arrependo:

- a) Porque é brasileira;
- b) Porque, fraca hoje, mas ajudada pelo incentivo dos seus compatriotas, ela voltará a ser grande, forte e poderosa amanhã, como já o foi outem.

«Se sem recursos novos, ela já recuperou o que vos dar, imagine-se o *show* que não irá dar com a sua *toilette* nova, de D. C. 71».

Recebemos vistosos calendários para o ano corrente, que nos foram oferecidos pela Companhia de Seguros «A Social», de que é agente nesta cidade o sr. A. Gouveia, e pelas seguintes firmas: Luis Teixeira de Carvalho & Irmãs, desta cidade (estabelecimento de Drograria e materiais de construção); João Nunes Sequeira, de Santo António das Areias, agente dos papéis de fumar «Sem Fim» e «Toro» e dos afamados pimentões «Flor do Pereiro», e Companhia de Seguros «L'Urbaine», por intermédio do seu agente sr. João Saraiva de Carvalho Brandão.

Recebemos um vistoso calendário de *Máquinas Oliva*, também para o ano corrente.

Da firma Almeida & Neves, Ltd.ª, com Armazém de Papéis, etc., recebemos igualmente um interessante calendário.

Também recebemos da Companhia União Fabril um lindo calendário para o ano corrente.

Da «Companhia Fabril do Norte» da Senhora da Hora, recebemos também, como de costume, o seu vistoso calendário para o ano corrente.

Dignaram-se mais oferecer-nos calendários, a Sapataria Vimaranesense, o Sr. T. Mendes Simões, Agente de Vinhos KOPKE; o Sr. José Manuel Mendes Simões, e Aristides de Barros Ferreira, Agente de Novos (Novas Indústrias de Materiais de Construção, L.ª) e da Empresa das Águas Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas.

Também recebemos de A Financiadora — Organização de Crédito, L.ª, com sede em Lisboa, um vistoso e útil calendário de meses.

A todos os nossos agradecimentos.

«Os José de Portugal»

Uma inédita iniciativa

O Grupo Onomástico «Os José de Portugal», além da sua actualização no campo filantrópico, cultural e social, tem desenvolvido larga actividade na solidariedade entre os José e citaremos, como das mais importantes, as seguintes:

1.º — Assistência que deu às famílias de 21 José desaparecidos na grande catástrofe marítima do Norte do País, ocorrida em 2 de Dezembro de 1947, em que perderam a vida 143 infelizes pescadores.

2.º — Recentemente, associando-se à patriótica Campanha Nacional de Educação de Adultos, distribuiu 44 relógios «Tissot» nos 22 Distritos do Continente e Ilhas, ao professor José que maior número de alunos apresentou a exame com aprovação e ao aluno José, mais idoso, também aprovado. Foi uma grande jornada em que foram homenageados condignamente os professores primários pelo seu perseverante trabalho a favor da extinção do analfabetismo em Portugal.

Estas iniciativas muito honraram e prestigiaram o Grupo Onomástico «Os José de Portugal».

Agora deseja, em 19 de Março de 1956, homenagear o seu Patrono, S. José, o grande e exemplar Chefe da Família, com o seguinte programa:

A hora que mais convenha: — Missas em todas as igrejas de Portugal, em louvor a S. José e, ainda, sufragando a alma de todos os José falecidos, devendo ser convidadas as autoridades a assistir.

As 15 horas: — Visitas a Cadeias e Hospitais, onde os haja, levando conforto aos internados.

As 18 horas: — Realizar também nas mesmas localidades um acto de bondade, ofertando livros, agasalhos, remédios, géneros alimentícios, enfim, qualquer coisa que possa suavizar a situação de um

Câmara Municipal

SESSÃO DE 1-3-56

A Câmara reuniu sob a presidência do Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira que disse se associaria ao voto de pesar pelo falecimento do sogro do Vereador, Sr. Dr. Júlio Soares Leite, exarado na acta da última reunião, se nela estivesse presente.

Seguidamente foi deliberado aprovar as propostas seguintes:

- Do Vereador Sr. José Maria Pinto de Almeida, sobre a demolição da antiga barraca que serviu para arrecadação dos impostos, existente no Mercado Municipal;
- Do Vereador Sr. Manuel Soares Moreira Guimarães sobre a deslocação do caniil para local mais conveniente dentro do Horto Municipal;
- Do mesmo Sr. Vereador sobre a nomeação de peritos que determinem as condições de segurança dos muros de suporte sobre os quais se situa o edifício fabril da firma J. Lima & C.ª, Ltd.ª, existente junto do Horto Municipal, nomeando-se os Engenheiros Srs. Fernando Ferreira Bonito, José Maria Gomes Alves e Helder Raul de Lemos Rocha;
- Do Vereador, Sr. António Urgezes dos Santos Simões sobre a aquisição de um prédio e garagem anexa existentes na Rua Egas Moniz, desta cidade;

— Proceder à reparação e rectificação do caminho de Barrosas, em Caldas S. Miguel, consultando-se, para tanto, três empreiteiros;

— Tomar conhecimento do reforço de comparticipação de 63.000\$00 para a obra de «Urbanização do Bairro de Famílias Pobres»;

— Tomar conhecimento do ofício recebido da Junta de Freguesia de Gonça, que se fazia acompanhar dum cópia de duas actas daquele corpo administrativo, na qual se verifica a sua repulsa pelas insinuações do Pároco daquela freguesia num artigo «Gonça e as suas necessidades»;

— Tomar conhecimento do despacho de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas que autorizou a imediata execução da obra de saneamento da Rua de Arcela;

— Conceder à Junta de Freguesia de Taboado o subsídio de 8.000\$00 para liquidação dos trabalhos de construção do edifício escolar daquela freguesia;

— Expropriar, para efeito de demolição, um prédio situado na Rua D. Ana de Sá, em Vizela;

— Conceder licenças para obras a: Elísio Pereira Ribeiro, J. S. Marques Rodrigues, Abílio Alves Valente, Salvador Alves Saldanha, e à Direcção do Colégio do Sagrado Coração de Maria de Vila Pouca;

— Conceder licença para habitação, de harmonia com o auto respectivo de vistoria à Sociedade Cooperativa o Lar Familiar, para a sua associada Maria Luísa de Abreu Carneiro;

— Autorizar pagamentos no montante de 376.350\$90.

A seguir, declara: — «Nenhuma companhia de navegação aérea luta com competidores de invejável pujança, do poder dos recursos da Panair do Brasil. Quantas companhias de governos ela enfrenta no Oceano Atlântico? São todas competidoras, ajudadas pelos cofres dos seus respectivos Estados: o francês, o inglês, o espanhol, o russo, o italiano e o argentino. Agora vão ver os portugueses e os alemães.

«Sözinha, com uma ínfima subvenção, combatida por companhias armadas de um material *up to date*, a Panair realiza verdadeiros prodígios, mantendo com um material de voo obsoleto, galhardamente, as suas linhas».

As últimas palavras do ilustre homem público brasileiro são, entretanto, de esperança. Referem-se ao novo material que vai ser utilizado nas carreiras da Panair e que colocará esta empresa «na primeira linha das empresas que atravessam o Atlântico». E conclui:

— Troquei duas outras companhias por ela. E não me arrependo:

- a) Porque é brasileira;
- b) Porque, fraca hoje, mas ajudada pelo incentivo dos seus compatriotas, ela voltará a ser grande, forte e poderosa amanhã, como já o foi outem.

«Se sem recursos novos, ela já recuperou o que vos dar, imagine-se o *show* que não irá dar com a sua *toilette* nova, de D. C. 71».

Recebemos vistosos calendários para o ano corrente, que nos foram oferecidos pela Companhia de Seguros «A Social», de que é agente nesta cidade o sr. A. Gouveia, e pelas seguintes firmas: Luis Teixeira de Carvalho & Irmãs, desta cidade (estabelecimento de Drograria e materiais de construção); João Nunes Sequeira, de Santo António das Areias, agente dos papéis de fumar «Sem Fim» e «Toro» e dos afamados pimentões «Flor do Pereiro», e Companhia de Seguros «L'Urbaine», por intermédio do seu agente sr. João Saraiva de Carvalho Brandão.

Recebemos um vistoso calendário de *Máquinas Oliva*, também para o ano corrente.

Da firma Almeida & Neves, Ltd.ª, com Armazém de Papéis, etc., recebemos igualmente um interessante calendário.

Também recebemos da Companhia União Fabril um lindo calendário para o ano corrente.

Da «Companhia Fabril do Norte» da Senhora da Hora, recebemos também, como de costume, o seu vistoso calendário para o ano corrente.

Dignaram-se mais oferecer-nos calendários, a Sapataria Vimaranesense, o Sr. T. Mendes Simões, Agente de Vinhos KOPKE; o Sr. José Manuel Mendes Simões, e Aristides de Barros Ferreira, Agente de Novos (Novas Indústrias de Materiais de Construção, L.ª) e da Empresa das Águas Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas.

Também recebemos de A Financiadora — Organização de Crédito, L.ª, com sede em Lisboa, um vistoso e útil calendário de meses.

A todos os nossos agradecimentos.

Recebemos vistosos calendários para o ano corrente, que nos foram oferecidos pela Companhia de Seguros «A Social», de que é agente nesta cidade o sr. A. Gouveia, e pelas seguintes firmas: Luis Teixeira de Carvalho & Irmãs, desta cidade (estabelecimento de Drograria e materiais de construção); João Nunes Sequeira, de Santo António das Areias, agente dos papéis de fumar «Sem Fim» e «Toro» e dos afamados pimentões «Flor do Pereiro», e Companhia de Seguros «L'Urbaine», por intermédio do seu agente sr. João Saraiva de Carvalho Brandão.

Recebemos um vistoso calendário de *Máquinas Oliva*, também para o ano corrente.

Da firma Almeida & Neves, Ltd.ª, com Armazém de Papéis, etc., recebemos igualmente um interessante calendário.

Também recebemos da Companhia União Fabril um lindo calendário para o ano corrente.

Da «Companhia Fabril do Norte» da Senhora da Hora, recebemos também, como de costume, o seu vistoso calendário para o ano corrente.

Dignaram-se mais oferecer-nos calendários, a Sapataria Vimaranesense, o Sr. T. Mendes Simões, Agente de Vinhos KOPKE; o Sr. José Manuel Mendes Simões, e Aristides de Barros Ferreira, Agente de Novos (Novas Indústrias de Materiais de Construção, L.ª) e da Empresa das Águas Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas.

Também recebemos de A Financiadora — Organização de Crédito, L.ª, com sede em Lisboa, um vistoso e útil calendário de meses.

A todos os nossos agradecimentos.

Recebemos vistosos calendários para o ano corrente, que nos foram oferecidos pela Companhia de Seguros «A Social», de que é agente nesta cidade o sr. A. Gouveia, e pelas seguintes firmas: Luis Teixeira de Carvalho & Irmãs, desta cidade (estabelecimento de Drograria e materiais de construção); João Nunes Sequeira, de Santo António das Areias, agente dos papéis de fumar «Sem Fim» e «Toro» e dos afamados pimentões «Flor do Pereiro», e Companhia de Seguros «L'Urbaine», por intermédio do seu agente sr. João Saraiva de Carvalho Brandão.

Recebemos um vistoso calendário de *Máquinas Oliva*, também para o ano corrente.

Da firma Almeida & Neves, Ltd.ª, com Armazém de Papéis, etc., recebemos igualmente um interessante calendário.

Também recebemos da Companhia União Fabril um lindo calendário para o ano corrente.

Da «Companhia Fabril do Norte» da Senhora da Hora, recebemos também, como de costume, o seu vistoso calendário para o ano corrente.

Dignaram-se mais oferecer-nos calendários, a Sapataria Vimaranesense, o Sr. T. Mendes Simões, Agente de Vinhos KOPKE; o Sr. José Manuel Mendes Simões, e Aristides de Barros Ferreira, Agente de Novos (Novas Indústrias de Materiais de Construção, L.ª) e da Empresa das Águas Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas.

Também recebemos de A Financiadora — Organização de Crédito, L.ª, com sede em Lisboa, um vistoso e útil calendário de meses.

A todos os nossos agradecimentos.

Recebemos vistosos calendários para o ano corrente, que nos foram oferecidos pela Companhia de Seguros «A Social», de que é agente nesta cidade o sr. A. Gouveia, e pelas seguintes firmas: Luis Teixeira de Carvalho & Irmãs, desta cidade (estabelecimento de Drograria e materiais de construção); João Nunes Sequeira, de Santo António das Areias, agente dos papéis de fumar «Sem Fim» e «Toro» e dos afamados pimentões «Flor do Pereiro», e Companhia de Seguros «L'Urbaine», por intermédio do seu agente sr. João Saraiva de Carvalho Brandão.

Recebemos um vistoso calendário de *Máquinas Oliva*, também para o ano corrente.

Da firma Almeida & Neves, Ltd.ª, com Armazém de Papéis, etc., recebemos igualmente um interessante calendário.

Também recebemos da Companhia União Fabril um lindo calendário para o ano corrente.

Da «Companhia Fabril do Norte» da Senhora da Hora, recebemos também, como de costume, o seu vistoso calendário para o ano corrente.

Dignaram-se mais oferecer-nos calendários, a Sapataria Vimaranesense, o Sr. T. Mendes Simões, Agente de Vinhos KOPKE; o Sr. José Manuel Mendes Simões, e Aristides de Barros Ferreira, Agente de Novos (Novas Indústrias de Materiais de Construção, L.ª) e da Empresa das Águas Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas.

Também recebemos de A Financiadora — Organização de Crédito, L.ª, com sede em Lisboa, um vistoso e útil calendário de meses.

A todos os nossos agradecimentos.

Recebemos vistosos calendários para o ano corrente, que nos foram oferecidos pela Companhia de Seguros «A Social», de que é agente nesta cidade o sr. A. Gouveia, e pelas seguintes firmas: Luis Teixeira de Carvalho & Irmãs, desta cidade (estabelecimento de Drograria e materiais de construção); João Nunes Sequeira, de Santo António das Areias, agente dos papéis de fumar «Sem Fim» e «Toro» e dos afamados pimentões «Flor do Pereiro», e Companhia de Seguros «L'Urbaine», por intermédio do seu agente sr. João Saraiva de Carvalho Brandão.

Recebemos um vistoso calendário de *Máquinas Oliva*, também para o ano corrente.

Da firma Almeida & Neves, Ltd.ª, com Armazém de Papéis, etc., recebemos igualmente um interessante calendário.

Também recebemos da Companhia União Fabril um lindo calendário para o ano corrente.

Da «Companhia Fabril do Norte» da Senhora da Hora, recebemos também, como de costume, o seu vistoso calendário para o ano corrente.

Dignaram-se mais oferecer-nos calendários, a Sapataria Vimaranesense, o Sr. T. Mendes Simões, Agente de Vinhos KOPKE; o Sr. José Manuel Mendes Simões, e Aristides de Barros Ferreira, Agente de Novos (Novas Indústrias de Materiais de Construção, L.ª) e da Empresa das Águas Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas.

Também recebemos de A Financiadora — Organização de Crédito, L.ª, com sede em Lisboa, um vistoso e útil calendário de meses.

A todos os nossos agradecimentos.

Recebemos vistosos calendários para o ano corrente, que nos foram oferecidos pela Companhia de Seguros «A Social», de que é agente nesta cidade o sr. A. Gouveia, e pelas seguintes firmas: Luis Teixeira de Carvalho & Irmãs, desta cidade (estabelecimento de Drograria e materiais de construção); João Nunes Sequeira, de Santo António das Areias, agente dos papéis de fumar «Sem Fim» e «Toro» e dos afamados pimentões «Flor do Pereiro», e Companhia de Seguros «L'Urbaine», por intermédio do seu agente sr. João Saraiva de Carvalho Brandão.

Recebemos um vistoso calendário de *Máquinas Oliva*, também para o ano corrente.

Da firma Almeida & Neves, Ltd.ª, com Armazém de Papéis, etc., recebemos igualmente um interessante calendário.

Também recebemos da Companhia União Fabril um lindo calendário para o ano corrente.

Da «Companhia Fabril do Norte» da Senhora da Hora, recebemos também, como de costume, o seu vistoso calendário para o ano corrente.

Dignaram-se mais oferecer-nos calendários, a Sapataria Vimaranesense, o Sr. T. Mendes Simões, Agente de Vinhos KOPKE; o Sr. José Manuel Mendes Simões, e Aristides de Barros Ferreira, Agente de Novos (Novas Indústrias de Materiais de Construção, L.ª) e da Empresa das Águas Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas.

Também recebemos de A Financiadora — Organização de Crédito, L.ª, com sede em Lisboa, um vistoso e útil calendário de meses.

A todos os nossos agradecimentos.

Recebemos vistosos calendários para o ano corrente, que nos foram oferecidos pela Companhia de Seguros «A Social», de que é agente nesta cidade o sr. A. Gouveia, e pelas seguintes firmas: Luis Teixeira de Carvalho & Irmãs, desta cidade (estabelecimento de Drograria e materiais de construção); João Nunes Sequeira, de Santo António das Areias, agente dos papéis de fumar «Sem Fim» e «Toro» e dos afamados pimentões «Flor do Pereiro», e Companhia de Seguros «L'Urbaine», por intermédio do seu agente sr. João Saraiva de Carvalho Brandão.

Recebemos um vistoso calendário de *Máquinas Oliva*, também para o ano corrente.

Da firma Almeida & Neves, Ltd.ª, com Armazém de Papéis, etc., recebemos igualmente um interessante calendário.

Também recebemos da Companhia União Fabril um lindo calendário para o ano corrente.

Da «Companhia Fabril do Norte» da Senhora da Hora, recebemos também, como de costume, o seu vistoso calendário para o ano corrente.

Dignaram-se mais oferecer-nos calendários, a Sapataria Vimaranesense, o Sr. T. Mendes Simões, Agente de Vinhos KOPKE; o Sr. José Manuel Mendes Simões, e Aristides de Barros Ferreira, Agente de Novos (Novas Indústrias de Materiais de Construção, L.ª) e da Empresa das Águas Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas.

Também recebemos de A Financiadora — Organização de Crédito, L.ª, com sede em Lisboa, um vistoso e útil calendário de meses.

A todos os nossos agradecimentos.

Recebemos vistosos calendários para o ano corrente, que nos foram oferecidos pela Companhia de Seguros «A Social», de que é agente nesta cidade o sr. A. Gouveia, e pelas seguintes firmas: Luis Teixeira de Carvalho & Irmãs, desta cidade (estabelecimento de Drograria e materiais de construção); João Nunes Sequeira, de Santo António das Areias, agente dos papéis de fumar «Sem Fim» e «Toro» e dos afamados pimentões «Flor do Pereiro», e Companhia de Seguros «L'Urbaine», por intermédio do seu agente sr. João Saraiva de Carvalho Brandão.

Recebemos um vistoso calendário de *Máquinas Oliva*, também para o ano corrente.

Da firma Almeida & Neves, Ltd.ª, com Armazém de Papéis, etc., recebemos igualmente um interessante calendário.

Também recebemos da Companhia União Fabril um lindo calendário para o ano corrente.

Da «Companhia Fabril do Norte» da Senhora da Hora, recebemos também, como de costume, o seu vistoso calendário para o ano corrente.

Estudos Político-Sociais

(Do Boletim do Centro de Estudos Político-Sociais da Legião Portuguesa, n.º 5, de Outubro de 1955)

Secção dirigida pelo
Delegado Cultural do Comando Distrital de Braga.

NOTAS SOBRE A ACTUAL AGITAÇÃO SOCIAL FRANCESA

Todos os três meses, desde 1940, o Ministério do Trabalho francês estabelece um índice de salário horário médio. Este índice é calculado por meio de um inquérito realizado pelos inspectores do trabalho sobre os salários pagos em 30.000 empresas de mais de dez assalariados, ocupando no seu conjunto cerca de 4.200.000 indivíduos.

O índice assim estabelecido era de 410 em 1951, de 478 em 1952, de 489 em 1953, de 522 em 1954 e, no 1.º de Julho de 1955, de 560. O aumento dos salários em 1954 eram então de 27,5 % em relação a 1951 e de 9,2 % em relação a 1952.

Por outro lado, cada ano o Instituto Nacional de Estatística francês edita um volume dedicado aos salários pagos no ano precedente, no comércio e na indústria, segundo as declarações feitas na administração das contribuições directas para os pagamentos dos impostos do pessoal assalariado. A partir destas declarações é possível conhecer o total dos salários pagos e o número dos assalariados. No estado actual dos trabalhos, as declarações estudadas permitem estabelecer que 5.514.100 assalariados de todas as categorias receberam em 1954 2.341.287 milhões de francos, o que dá uma média de 425.000 francos por ano e por indivíduo. Em relação a 1951, o aumento do salário é de 26 %, e de 9 % em relação a 1952.

A coincidência com os resultados obtidos pelo outro método de cálculo é notável. Pode-se considerar que em 1953 e 1954 os salários, em média, aumentaram 9 % ou seja de 4,5 % por ano. Como, neste mesmo período, os preços permaneceram estáveis, este acréscimo constitui um acréscimo do salário real.

Para os operários, o salário anual médio foi de 352.000 francos em 1954 e para os empregados de 397.000 francos (compreendendo-se neste cálculo as mulheres). Para os homens, somente, o salário médio teria sido em 1954: operários, 378 mil; empregados 447 mil.

Segundo estes estudos, os salários dos empregados em 1954, teriam sido 20 % superior aos de 1951 e 2 % somente aos de 1952.

Pois bem, na maioria das empresas e ramos de indústria francesa a elevação dos salários foi o resultado de decisões pacíficas entre as associações patronais e os vários sindicatos operários, que terminaram por acordos colectivos, tendo as negociações decorrido da forma mais normal possível, sem violências, nem greves, nem mesmo agitações.

Este fenómeno nada tem que ver com os chamados «movimentos sociais», pelo menos no sentido em que esta expressão é utilizada actualmente; é mesmo exactamente o contrário, não passando de acção sindical normal.

Ora isto é que o partido comunista não pode admitir. Por isso, sempre que o ambiente apresenta possibilidades, mesmo escassas, os sindicatos da C. G. T., inteiramente dominados pelos comunistas, procuram fomentar a agitação. Foi o que aconteceu em Nantes e S. Nazaire, onde as negociações estavam praticamente concluídas, quando chegaram «os especialistas» da C. G. T. de Paris. A sua presença transformou tudo; os sindicatos da C. G. T. lançaram reivindicações inaceitáveis, as discordâncias surgiram, a agitação nasceu e ganhou as próprias massas operárias; começaram os desmandos nas ruas e fábricas, a força pública teve de intervir e o resultado foram algumas mortes e vários feridos (note-se: parece que a maioria destas mortes foram provocadas pelos próprios manifestantes).

Além destes conflitos visavam vários objectivos precisos: primeiramente, criar um clima de agitação violenta para justificar as teses do partido sobre a miséria e a combatividade dos operários. Em seguida, accentuar as dificuldades económicas e sociais e enfraquecer a Nação francesa. Por último, dispersar as forças de segurança, quando eram extremamente necessárias no Norte de África e obrigar, mesmo, o Governo a chamar alguns contingentes para manter a ordem em França.

Tudo isto à custa do sangue dos operários.

Neste momento, princípios de Outubro, os jornais franceses vêm cheios de notícias de agitações e greves nos vários ramos de indústria. Na realidade existe aqui somente uma exploração do sensacional, com fins puramente comerciais ou com fins políticos, porque somente 300 a 400 mil operários franceses, dos 7 ou 8 milhões que a França conta, estão ligados de perto ou de longe a esta agitação

sindical, na sua quase totalidade mantida e explorada pela C. G. T.

E o objectivo insurreccional revela-se claramente. Assim, por exemplo, o sindicato C. G. T. dos operários da construção civil da região parisiense não hesita em declarar num manifesto que «os problemas de salários não constituem hoje a coisa essencial» e o que é mais urgente é a «intensificação da acção dos trabalhadores»; e a Federação dos Ferroviários da C. G. T. lançou um comunicado onde, em termos quase semelhantes, afirmava que o «essencial era que houvesse acção» (*Humanité* de 22-9-55).

É geralmente sabido que o aumento dos salários em França, sem um aumento correspondente aos preços, foi possível por um acréscimo de produtividade nas empresas, pela modernização da sua maquinaria, pela utilização de novos métodos de trabalho. Ninguém ignora que os progressos técnicos favorecem a política dos altos salários e que o aumento da produtividade não influi somente nos lucros dos capitalistas. O exemplo dos Estados Unidos é flagrante.

Ao mesmo tempo, o aumento de produtividade traduz-se por uma baixa dos preços de venda e, consequentemente, por um maior consumo e por uma elevação geral do nível de vida da Nação.

Em face desta campanha de produtividade, o partido comunista procura espalhar a ideia de que ela visa clinicamente a um aumento de produção em detrimento dos trabalhadores, provocando a chamada «Cadência Infernal» do trabalho, que só vai aumentar os lucros patronais. Compreende-se claramente as razões desta atitude. Quando lançam a palavra de ordem aos operários: «Reivindicamos aumento de salários» e a seguir «nada de produtividade em regime capitalista», exigem o impossível e procuram unicamente evitar o desenvolvimento da prosperidade económica.

Por fim, outra técnica do comunismo nos problemas operários é procurar dar um carácter político a todas as reivindicações sociais. É uma das regras fundamentais da sua acção. Se não fosse assim, se admitissem que a acção sindical tem o seu domínio próprio, os seus métodos próprios, onde a política e os partidos não têm nada que intervir, negariam algumas das teses da sua doutrina. Lenine nunca deixou de dar como exemplo do seu próprio esforço para tornar política uma reivindicação operária, a reivindicação dos operários russos no princípio do século ao reclamarem água quente para o seu chá no decorrer de um dia de trabalho. Este exemplo é característico para todos os comunistas do mundo (do mundo livre, entenda-se).

No caso presente, basta abrir o jornal *Humanité* para se reconhecer que o partido procura manter e desenvolver as greves que decorrem. Mas o que chama a atenção é que não se contenta em dar-lhes um carácter violento onde o pode fazer (e o que de resto só consegue em bastante poucos casos), em procurar que os sindicatos adoptem palavras de ordem insensatas, como os famosos 40 francos de aumento por hora. Isto bastaria, se fosse seguido pela generalidade dos trabalhadores, para sementar a desordem provocar sérias apreensões ao governo, comprometer a evolução para a prosperidade que caracteriza hoje a economia francesa. Porém, nada disto seria suficiente para dar às greves características políticas, e estas características são essenciais.

Assim, há várias semanas que procuram elevar o «nível político» — como dizem — ou seja, misturarem palavras de ordem política às palavras de ordem puramente reivindicativa.

Quais são as palavras de ordem política?

A declaração do Comité Político do P. C. francês, de 16 de Setembro, formula-as deste modo: — «A classe operária tem cada dia a experiência de quanto são nocivas a política governamental dos baixos salários, a repressão na África do Norte, a subordinação ao imperialismo americano».

«Salários e África do Norte». Entre estes dois problemas não existe nenhuma relação. Mas o P. C. despreza a lógica dos seus militantes, os seus objectivos visam mais longe.

É a classe operária francesa tem, na realidade, seguido estas palavras de ordem e sustentado a acção? Não parece que os exigentes, apesar de tudo, tenham sido muito brilhantes. No dia 19 de Setembro a *Humanité* publicou um

APRENDER ATÉ MORRER

Dom Casmurro

«Os homens de génio, escreveu um célebre autor espanhol, são os verdadeiros químicos, que de tudo tiram preciosidades».

Foi talvez por isso que Machado de Assis, eminente escritor brasileiro, tirou de uma alcinha com que o alvejavam, um livro que faz rir muito e tem o título desta nota.

É um livro grosso e compacto; e tão grosso, que por vezes descamba em grosserias e liberdades que não ficam bem a um homem decente.

Já agora, não se vão embora sem ler as *Notas de um enterro*, escritas pelo referido escritor brasileiro.

«Soluços, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais, um homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida do caixão, caixão, eça, tocheiros, convites, convidados que entram lentamente, a passo surdo, e apertavam a mão à família, alguns tristes, todos sérios e calados, padre e sacristão, aspersões de água benta, o fechar do caixão a prego e a martelo; seis pessoas que o tomam da eça, e o levantam, o o descem a custo pela escada, não obstante os gritos, soluços e novas lágrimas da família, e vão até o coche fúnebre, e o colocam em cima, e traspaseam e aper-

tam as correias, o rodar do coche, o rodar dos carros, um a um...».

É um pouco difícil fazer descrição mais simples...

Manhas dos pedantes

«Havia em Florença um pintor que, para alimentar o vício de beber, trocava tudo por dinheiro. Convidado para um festejo em casa do grão-duque, que presenteara com uma boa casaca de veludo de três cores, achou-se em grande dificuldade por ter já bebido a casaca. Saiu, contudo, desta dificuldade como homem hábil que era. Comprando alguns cadernos de papel cinzento, no qual pintou veludo igual ao que sua alteza lhe dera, vestindo-se tão ricamente como o mais rico dos cortesãos. No camarote onde fora colocar-se, a casaca realmente iludia; mas o pintor tivera o cuidado de sentar-se de modo que as pessoas que se lhe avizinhassem não conhecessem o estofa de que se revestia. Assim fazem os pedantes a que nos referimos; têm o artifício de se imporem pela exterioridade, e também o de impedirem que se lhes apalpe a casaca de papel».

(Do Arquivo pitoresco).

TEIXEIRA & FREITAS, L. DA

AGENTES DA

SACOR e CIDLA

LARGO DOS NAVARROS DE ANDRADE
TELEF. 4547

Use GAZCIDLA Use GAZCIDLA

ÓLEOS SACOR

ÓLEOS SACOR

CHÁS MEDICINAIS «HERBIS»

Usados na Alemanha há cerca de 50 anos

HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico	HERBIS N.º 2 Regularizador da Circulação	HERBIS N.º 3 Depurativo do sangue	HERBIS N.º 4 Azia e más digestões	HERBIS N.º 5 Contra bronquites	HERBIS N.º 6 Nervos e insónias	HERBIS N.º 7 Rins e bexiga	HERBIS N.º 8 Fígado e vesícula	HERBIS N.º 9 Contra o hemorroidal	HERBIS N.º 10 Tónico do coração	HERBIS N.º 11 Laxativo suave
--------------------------------------------	---------------------------------------------	--------------------------------------	--------------------------------------	-----------------------------------	-----------------------------------	-------------------------------	-----------------------------------	--------------------------------------	------------------------------------	---------------------------------

PACOTES DE 100 GRAMAS

Preparados segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

Almeida, Mendes & Companhia, Limitada

COM SEDE EM GUIMARÃES

Faz-se público que, por escritura de 1 de Março de 1956, lavrada por mim notário no meu livro de notas n.º 502 a folhas 40, foi constituída uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada entre Janeiro dos Santos Almeida, casado, comerciante, Francisco Belino Pereira Mendes, casado, industrial e Luís Júlio Correia da Cunha, casado, comerciante, todos moradores nesta cidade, nos termos e condições constantes dos artigos seguintes:

cidade torna-se necessário que eles sejam assinados em nome da sociedade por dois gerentes.

SETIMO

Nenhum sócio poderá fazer uso da firma social em assuntos estranhos à sociedade, nomeadamente em letras de favor, fianças e abonações, ficando aquele que o fizer responsável pelos prejuízos que venha a causar à sociedade com tal acto.

PRIMEIRO

A sociedade adopta a firma ALMEIDA, MENDES & COMPANHIA, LIMITADA, durará por tempo indeterminado a contar desta data e terá a sua sede na cidade de Guimarães, em local ainda a designar.

OITAVO

A sociedade não se dissolverá por morte ou interdição de qualquer sócio, antes continuará com os sócios sobreviventes e com os herdeiros ou representante legal do sócio falecido ou interdição, devendo aqueles nomearem um entre si que os represente na sociedade.

SEGUNDO

O seu objecto é a exploração do comércio de tecidos de algodão, podendo explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que haja acordo unânime de todos os sócios.

NONO

Anualmente será dado um balanço em trinta e um de Dezembro, e os lucros líquidos por ele apurados, depois de deduzida a percentagem de cinco por cento para fundo de reserva legal e bem assim outras percentagens para quaisquer outros fundos que os sócios deliberem criar, serão repartidos pelos sócios na proporção das suas quotas, devendo ser suportados na mesma proporção os prejuízos.

TERCEIRO

O capital social será da quantia de duzentos mil escudos, integralmente realizado em dinheiro, pertencendo uma quota de oitenta mil escudos a cada um dos sócios Janeiro e Francisco e uma outra de quarenta mil escudos ao sócio Luís.

DECIMO

As assembleias gerais para as quais a lei não determine prazos ou formalidades especiais, serão convocadas por meio de cartas registadas, com aviso de recepção enviadas com a antecedência mínima de oito dias.

QUARTO

Não serão exigidas prestações suplementares, mas os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos que a sociedade venha a necessitar, nas condições que forem acordadas em assembleia geral.

DECIMO PRIMEIRO

Em tudo o mais não expressamente previsto neste pacto regularão as disposições legais aplicáveis e especialmente as constantes da lei de onze de Abril de mil novecentos e um.

QUINTO

A cessão total ou parcial de quotas é livremente consentida entre os sócios; mas para estranhos fica dependente do consentimento dos sócios não cedentes e da sociedade, tendo esta o direito de preferência.

Secretaria Notarial de Guimarães, 1 de Março de 1956.

SEXTO

A gerência, dispensada de caução, fica afecta a todos os sócios em assuntos de mero expediente; mas nos actos e contratos que obriguem a so-

O Notário,

a) Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas.

(159)

OLYMPIA

A MÁQUINA DE ESCREVER QUE LHE CONVÉM

Veja os seus preços — Sempre existências

Se está interessado numa unidade, consulte o Agente Oficial e Único no Concelho

REINALDO RIBEIRO

RUA S. DAMAZO, 13 TELEFONE, 40.303

Jerónimo Assunção Ferreira

Instalações eléctricas de qualquer género

VENDA DE MATERIAL

Orçamentos grátis

Rua da Rainha D. Maria II Telefone, 4204 (favor)

GUIMARÃES

Discos Philips

ÚLTIMAS NOVIDADES EM TODOS OS GÉNEROS MUSICAIS

A. GOUVEIA

DISTRIBUIDOR EM GUIMARÃES

da Casa RICARDO LEMOS

Rua Paio Galvão Stands 10 e 11

(Gabinetes para audição)

Grundig Rádio

70 modelos diferentes a partir de 1.290\$00

Sorteio mensal no valor de 2.000\$00 entre todos os clientes de Grundig

Mod. 7000 W 3 D Esc. 7.900\$00

CONSULTE O AGENTE

A. GOUVEIA

Rua Paio Galvão Av. Conde de Margaride

Stands 10 e 11 TELEFONE 40436 Stands 3 e 4

GUIMARÃES

tembro a *Humanité* publicou um artigo de Jean Breteau, Secretário Geral da Federação da C. G. T. dos metais, enumerando as dificuldades que se encontram. Entre essas dificuldades o artigo enumera:

a) Os operários preferem os acordos à agitação e à acção revo-

lucionária, desprezando a palavra de ordem de se não assinar nenhum acordo com patrões;

b) A C. G. T. não pode sempre manobrar como deseja;

c) Os militantes hesitam na maior parte das vezes, porque os operários não os seguem.

J. MONTENEGRO

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS — ALTA E BAIXA TENSÃO

Largo 28 de Maio, 78-1.º — Tele. 4510

GUIMARÃES

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 2, a menina Maria Isabel da Silva Ribeiro, filha do estimado industrial de alfaiataria Sr. António Martins Ribeiro; no dia 5, o nosso conterrâneo Sr. Manuel de Matos Machado, filho do nosso bom amigo Sr. José de Freitas Machado, estimado industrial em Tomar, e os também nossos bons amigos Srs. José Mendes Guimarães e Laurentino Ribeiro Teixeira; no dia 6, a Sr.ª D. Maria de Lourdes Pinheiro Machado e os nossos prezados amigos Srs. José de Oliveira, Casimiro Martins Fernandes e José Maria Pacheco Rodrigues; no dia 7, mademoiselle Maria Antonina Dias de Castro Fernandes, filha do nosso prezado amigo Sr. João Mendes Fernandes, e o nosso prezado amigo e conceituado industrial Sr. Francisco Ribeiro Pinto; no dia 8, o nosso bom amigo Sr. António Dias, de S. Romão de Mesão-Frio, no dia 9, mademoiselle Maria Irene, filha do nosso prezado amigo Sr. Joaquim Salgado Guimarães, e os Srs. José Adriano de Carvalho Melo e Fernando Machado Pinheiro; no dia 10, os nossos prezados amigos Srs. Dr. Augusto Monteiro Dias de Castro e Américo Alves Ferreira; no dia 11, os também nossos prezados amigos Srs. António de Lancastre e José Garcia e a Sr.ª Dr.ª D. Virgínia do Carmo Almeida Ferrão, professora da Escola Commercial e Industrial, esposa do nosso amigo Sr. Renato Ferrão.

Notícias de Guimarães apresentadas-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Passou ontem o aniversário natalício do ilustrado Abade de Gonça e nosso distinto colaborador, Rev. Padre Manuel de Matos, a quem, embora tardiamente, abraçamos.

Doentes

Foi há dias operado de emergência no Hospital da Misericórdia desta cidade, onde ainda se encontra internado em quarto particular, o ilustrado Abade de S. Romão de Mesão Frio e nosso prezado amigo Sr. Padre João de Oliveira, cujas melhoras se vão agora acentuando.

— Em Santos (Brasil) tem passado bastante doente, conquanto ultimamente tenha experimentado sensíveis melhoras, segundo informações que recebemos, o nosso querido conterrâneo e amigo Sr. Gaspar Lopes Martins.

— Continua doente o nosso bom amigo e conceituado comerciante local Sr. Paulino de Magalhães.

— Já regressou do Porto, à sua Casa de Santo André, nesta cidade, o nosso prezado amigo e distinto Clínico Sr. Dr. João Alberto Mota Prego de Faria, que entrou em franca convalescência.

— Também se vão acentuando as melhoras dos nossos bons amigos Srs. Arnaldo de Sousa Guise, Tenente Pedro Machado, Dr. Armando Teixeira de Faria e Manuel de Oliveira Félix.

— Tem passado doente, encontrando-se agora bastante melhor, o nosso bom amigo Sr. Tenente Alvaro Martins de Campos.

— Esteve incomodado, encontrando-se já restabelecido, o nosso prezado amigo e distinto colaborador Sr. Prof. Mário de Sousa Meneses.

— Encontra-se quase restabelecida a Sr.ª D. Inês da Silva Gonçalves, esposa do nosso bom amigo Sr. Dr. José da Conceição Gonçalves.

— Esteve ligeiramente incomodado, mas já se encontra restabelecido, o nosso prezado amigo Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

— Continua bastante doente o nosso prezado amigo Sr. Padre Abílio Ayres de Sousa Pereira Guimarães.

— Estiveram doentes mas já se encontram restabelecidos os nossos prezados amigos Srs. Dr. Fernando Lopes de Matos Chaves, João da Silva Martinho e Joaquim Pereira Soares.

— Por notícias recebidas recentemente de Lourenço Marques, sabemos que tem passado ligeiramente doente a Sr.ª D. Fernanda Martins Ribeiro, esposa do nosso prezado amigo e digno Inspector do B. N. U. Sr. Leandro Martins Ribeiro.

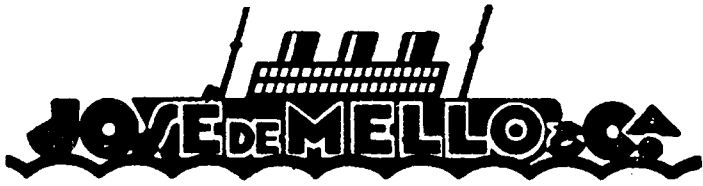
— Já se encontram restabelecidos o nosso bom amigo Sr. José Machado Teixeira e sua esposa a Sr.ª D. Maria Beatriz da Silva Teixeira, assim como o também nosso bom amigo Sr. António de Sousa Lima.

— Já se encontra restabelecida dos padecimentos motivados por uma queda, a Sr.ª D. Augusta Ribeiro Pinto, esposa do nosso bom amigo Sr. Francisco Ribeiro Pinto.

— Encontra-se em tratamento numa Casa de Saúde do Porto, onde foi operado há dias, o nosso

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



SUCESSORA

Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIO: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO
Telefones 21078 e 21074 — Est. 57

ARMAZÉM EM MATOSINHOS
Telef. Mat. 247

prezado amigo Sr. Visconde Viante da Silveira.

— Vimos já completamente restabelecido o nosso prezado amigo Sr. António Ribeiro Ferreira Caldas, industrial em Sande.

— Continua a passar incomodado o nosso prezado amigo Sr. Manuel de Oliveira Cosme.

— Tem passado bastante doente o Sr. António Mendes Serrano, agente do Banco de Portugal nesta cidade.

A todos os doentes desejamos o mais breve e completo restabelecimento.

Partidas e chegadas

— Esteve nesta cidade o nosso querido amigo e ilustrado sacerdote Rev. Dr. Francisco de Melo, de S. Pedro da Raimonda.

— Também esteve nesta cidade, de visita a seu pai, o nosso prezado conterrâneo e amigo Sr. Engenheiro Fernando A. Flores de Matos Chaves.

— Deu-nos há dias o prazer da sua visita o nosso bom amigo Sr. Eng.º Geraldo Abreu Mendes de Oliveira, de Guardizela.

— Cumprimos nesta cidade o nosso prezado amigo Sr. Capitão José Guedes Gomes, residente em Fertil de Basto.

— Tem estado em Lisboa o nosso prezado amigo Sr. José Alberto Pimenta Machado.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo Rev. Dr. Aurélio Fernando M. Pereira, que já regressou a Salamanca, onde está a concluir o seu doutoramento.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo Sr. Francisco Gonçalves da Cunha.

— Esteve entre nós o nosso prezado amigo Sr. Manuel Joaquim Pinto, de Felgueiras.

— Partiu para Lisboa, a tratar de assuntos profissionais, o nosso prezado amigo e distinto Advogado Sr. Dr. José Pinto Rodrigues.

— Partiu para Luanda (Angola) o nosso estimado conterrâneo Sr. Manuel Carlos Soares.

Baptizados

No templo da Misericórdia, servindo de paróquia de S. Paio, baptizou-se na quinta-feira um filhinho do Sr. António Manuel Ribeiro Braga e de sua esposa a Sr.ª D. Maria de Belém Vasconcelos Duarte M. Braga, que recebeu o nome de Manuel Alberto.

Foram padrinhos o avô materno Sr. Lázaro Duarte de Macedo e a tia paterna Sr.ª D. Maria Palmira Ribeiro Braga da Costa.

Falec. e Sufrágios

Morte de uma Centenária

Na sua residência à rua da Liberdade (Cruz de Pedra) finou-se contando 100 anos e seis meses de existência, a sr.ª D. Emília Rosa Ribeiro,



mãe das sr.ªs D. Ana Ribeiro e D. Idalina Ribeiro Pinto e dos srs. Alberto Ribeiro e José Ribeiro; avó das sr.ªs D. Nêscia Ribeiro Dias Reis, D. Quitéria Ribeiro Dias, D. Jerónima Ri-

beiro Dias de Andrade, D. Josefina Ribeiro Dias, D. Laura, D. Ana, D. Felicidade e D. Maria José Alves Pinto e dos srs. Hídio Ribeiro Dias, Jerónimo Ribeiro Dias, Manuel Ribeiro Dias, Ernesto Ribeiro Dias, Miguel, Gaspar, Augusto e Ermano Alves Pinto; irmã das sr.ªs D. Rosa Ribeiro Dias e D. Elisa Ribeiro Dias, que contam, respectivamente, 96 e 89 anos, e tia dos srs. Manuel Joaquim da Silva e Augusto Joaquim da Silva.

A saudosa senhora deixa, vivos, 37 netos, 17 bisnetos e 13 trinnetos.

O seu funeral, que foi bastante concorrido, efectuou-se na terça-feira para o Cemitério Municipal.

A toda a família dorida apresentamos condolências.

Carlos Ferreira das Neves

Faleceu em avançada idade, o sr. Carlos Ferreira das Neves, pai do conceituado industrial de camionagem sr. João Ferreira das Neves, tendo-se efectuado o seu funeral na quinta-feira do templo de S. Sebastião, para o Cemitério Municipal.

Os nossos pêsames à família dorida.

António de Lemos Guimarães

Em S. Miguel de Creixomil finou-se, com 91 anos, o antigo comerciante sr. António de Lemos Guimarães, pai dos srs. Carlos, João e José de Lemos, tendo-se efectuado o funeral no domingo para o Cemitério Municipal.

Pêsames à família.

D. Júlia Torcato da Silva Mendes

Sufragando a alma desta bondosa senhora e em comemoração do 30.º dia do seu falecimento, serão celebradas missas no dia 7, quarta-feira próxima, às 6,30 horas e às 8, respectivamente na Capela de S. Lázaro e na da V. O. T. de S. Domingos.

Vida Católica

Domingo 3.º da Quaresma. — Da féria. Missa própria, sem Glória, oração sobre o povo.

Paramentos de cor roxa.

Procissão de Passos

A Mesa da Irmandade dos Santos Passos, dignamente presidida pelo Sr. António José Pereira Rodrigues, vai promover uma vez mais e com todo o costume esplendor a majestosa Procissão de Passos, que deverá realizar-se nesta cidade no próximo dia 18, tendo-se iniciado já os trabalhos respectivos.

Comunhão Pascal

Principia amanhã, dia 5, pelas 21 horas, na igreja paroquial de S. Sebastião (Dominicas), uma semana de práticas preparatórias para a comunhão pascal das mulheres católicas da freguesia, havendo no sábado confesores para atender todas as pessoas, e no domingo, dia 11, comunhão geral.

Na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, também terá lugar no próximo domingo, dia 11, a comunhão pascal de todos os estudantes, dignando-se assistir Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. Arcebispo Primaz, que cele-

Francisco Joaquim de Freitas Pereira

Ex-Interno da Maternidade dos Hospitais da Universidade de Coimbra

MÉDICO ESPECIALISTA

PARTOS — DOENÇAS DOS RECEM-NASCIDOS

Médico Vacinador (B. C. G.)

ONDAS CURTAS

Consultório: Largo 28 de Maio, 22-1.º CONSULTAS:

Residência: Aven. Conde Margaride 2.ª, 4.ª e Sábado

TELEPHONE 4550 das 15 às 20 horas

brará a Santa Missa às 9 horas, e dará a Sagrada Comunhão a todos os estudantes, e ministrará o Santo Crisma, em seguida, a todos os estudantes que estejam devidamente preparados.

De tarde, na mesma igreja, será ministrado o Santo Crisma a todas as pessoas da freguesia, que estejam preparadas, havendo em seguida a missa vespertina pelas 18 e meia, seguindo-se um solene Te Deum, em acção de graças pelo 80.º aniversário natalício de Sua Santidade Pio XII, com a assistência do Senhor Arcebispo Primaz.

Congregação de Maria Imaculada (Homens)

Realiza-se no próximo domingo, dia 11, pelas 8 horas, na Basílica de S. Pedro, a reunião mensal de piedade desta congregação, com missa, prática, terço, comunhão geral e Bênção do Santíssimo.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácia

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à Rua da Rainha, telefone n.º 40424.

Polícia de Segurança Pública

Tendo-se queixado na Secção da Polícia, José de Azevedo Carvalho, residente nesta cidade, arguindo de abuso de confiança Domingos Pereira Moura, solteiro, criado de servir, que se ausentou para parte incerta, em virtude de lhe ter confiado a importância de 1.750\$000, para satisfazer um pagamento, o que não fez, foram ordenadas diligências para a sua detenção.

Cooperativa Popular de Guimarães

Comunicam-nos que a Assembleia Geral Ordinária da Cooperativa Popular de Guimarães, convocada para o dia 18 de Março, não funcionará no salão das Oficinas de S. José, mas sim no Salão paroquial de Nossa Senhora da Oliveira.

Tomou posse a Comissão Pro-Casa da Marcha

No dia 27 e pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal, no seu gabinete, foi empossada a Comissão Pro-Casa da Marcha, que tomou a partir de então sobre si o encargo de levar a cabo a construção da referida Casa, problema que de há muito vem preocupando a classe dos briosos empregados do comércio e a própria cidade.

E-nos grato informar que pelo Sr. Presidente foram dirigidas à Comissão agora empossada palavras do maior apreço pela iniciativa tomada, enaltecendo o significado baírrista de que a Causa se reveste e prometendo acompanhar e acarinhar tal iniciativa.

E portanto com grande satisfação que aqui vamos registar os nomes das pessoas que tomaram sobre seus ombros tamanha empresa, que esperamos seja coroada do melhor êxito:

Presidente, Benjamim de Castro Alves Ferreira; Vice-Presidente, Jaime Ferreira Martins; Secretários, Joaquim Garcia e Norberto de Freitas Guimarães Pacheco; Tesoureiro, José da Cunha Paredes; Vogais, António da Fonseca Ferreira, Egidio Alberto da Cunha e Castro, José Betencourt de Freitas Guimarães e Luís Gonzaga Martins Leite.

As obras do Estádio Municipal

Iniciaram-se ontem as obras de terraplanagem do Estádio Municipal, tendo assistido aquele acto os Srs. Presidente e Vereadores da Câmara Municipal, os dirigentes do desporto local e outras individualidades, que se congratularam por aquele acontecimento.

A Reunião dos antigos oficiais e soldados do «20»

Comunicamos que a Missa do próximo dia 11 por alma dos antigos componentes do Regimento de Infantaria 20 já falecidos, será rezada pelo antigo capelão militar Rev. Padre João Pedro de Bourbon Sampaio (Lindoso), às 11 horas na igreja de S. Miguel do Castelo.

Tratamento das oliveiras

Agora, que estamos na época das podas, é a ocasião de se falar nos tratamentos de inverno.

Nas oliveiras esses tratamentos, em geral, reduzem-se à raspagem do tronco e ramos principais, seguida da aplicação duma calda apropriada.

A raspagem deve ser feita depois da poda e a seguir às chuvas, que a facilitam muito; é conveniente amontoar e queimar os musgos e líquenes. Quem não quiser comprar raspadores pode empregar pedaços de arco ou facas velhas, as quais não devem ser afiadas, para não ofenderem a casca.

Quando as árvores têm pouco que limpar, pode-se dispensar a raspagem, desde que se use uma boa calda.

Eis os produtos mais indicados:

Sulfato de ferro. — É o que mais se aplica. Além de ser o produto mais barato, parece que, absorvido pela casca, revigora as árvores.

Em geral não se usa a mais de 10 % com 6 a 7 % de cal. Esta é queimada na água apenas necessária. O sulfato de ferro, pelo contrário, dissolve-se em muita água: só depois é que se juntam as duas substâncias, obtendo-se uma calda muito espessa que se espalha a pincel, de cima para baixo.

Para se usar um pulverizador, não convém deitar mais do que 4 % de sulfato de ferro e 2 % de cal. Como a calda é muito fraca, dão-se duas passagens; mesmo assim, poupa-se tempo e faz-se melhor o serviço porque se atingem todas as cavidades do tronco, o que nem sempre acontece com o pincel.

Oleos atracénicos. — Há vários no mercado e os fabricantes indicam as percentagens que se devem usar. Estes produtos são cáusticos e queimam a erva e as plantas hortícolas.

Dinitrocresol. — Vende-se em pó ou junto com óleo, devendo-se em ambos os casos aplicar com água, segundo as indicações do fabricante. Este produto também é cáustico e só se deve usar em árvores raspadas ou pouco atacadas pelos musgos e líquenes.

Calda sulfocálcica. — Aplica-se nas doses de inverno, que têm de ser obtidas por tabelas, conforme a concentração do produto activo. Não é tão cáustico como as duas anteriores. Os pulverizadores, principalmente se não forem apropriados, precisam de ser muito bem limpos logo a seguir ao tratamento.

Use Gazcidla

FIBRA ARTIFICIAL

PHRIX

AGENTES-DEPOSITÁRIOS

Wandschneider & C.ª, L.ª

Rua Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. Est. 17 PORTO
Comp. 21 404

GUIMAR, L.ª-Empreitadas

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES

GUIMAR LDA

AVENIDA CONDE MARGARIDE • GUIMARÃES • TEL. 40113

Obras Públicas, Cíveis e Industriais.

Cimento armado. Projectos.

GERÊNCIA TÉCNICA

A. PINTO DA SILVA — Eng.º Civil

DE COVAS

(RETARDADA)

Uma boa notícia

Na igreja de Urgezes já se realizam casamentos aos domingos — o dia mais propício para se realizarem estes actos religiosos — aspiração dos habitantes desta hospitaleira freguesia.

Ao Rev.º Francisco de Oliveira, pároco desta freguesia, os nossos aplausos.

Exemplo a seguir

A Câmara Municipal de Coimbra contratou, para proceder à análise do leite no posto de fiscalização camarário, o Sr. Dr. António Evaristo, médico assistente da cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina de Coimbra.

Residência paroquial de Nespereira

Estão quase concluídos os trabalhos da nova residência paroquial de Nespereira. Informa-nos o Reverendo José Borges, pároco desta freguesia que, graças à boa vontade dos paroquianos — que muito têm contribuído — brevemente se fará a inauguração. Este novo pároco goza de gerais simpatias, agora mais uma vez confirmadas pelo bom povo da freguesia.

Água mole . . .

Durante mais de um ano que aqui pedimos à C. P. para acabar com a 1.ª classe «obrigatória» nas automotoras.

Até que enfim que atendeu as nossas inúmeras e justas reclamações.

Assim, nas automotoras «miniatura», na falta de lugares de 3.ª classe já se podem ocupar os de 1.ª sem sujeição ao pagamento de qualquer importância.

Em duas palavras: a C. P. agora já cumpre o regulamento. Folgamos em registar o facto — que a todos traz benefícios.

Disparate

Já sabia que na C. P. as diferenças de 3.ª classe para 1.ª entre Vizela e Guimarães, que são de 8 quilómetros, custam \$90 e entre Covas e Guimarães, que nem 2,5 quilómetros são, 1\$30?

Abuso e disparate.

Passatempo

Por que será que cerca de 50 % dos beneficiários da Caixa Sindical que andam com baixa médica e que de facto estão doentes — pois alguns têm baixa e não precisam — vão particularmente consultar outros médicos que não fazem serviço no Posto Médico?

Uma fonte pública inquinada

Há tempo que certo lavrador pretende acabar com a fonte pública do lugar de Chãos, freguesia de Gémeos.

Ultimamente, os que dela se utilizam, vinham sentindo um fraco sabor na água, nunca julgando que tudo isto era obra de indivíduo ou indivíduos sem escrúpulos que inquinaram a água, a ver se o povo deixava de a utilizar, com grave perigo para a saúde pública. Mas, agora o povo descobriu o que se passava e deixou de a utilizar, o que muito os prejudica e, por isso, pedem-nos que por intermédio do *Notícias de Guimarães* chamemos a atenção de quem de direito para este caso repugnante.

Casos destes não podem ficar impunes e, portanto, é urgente que quem de direito se destoeque ali e proceda a averiguações. Chamamos, contudo, a atenção do Sr. Delegado de Saúde. — C.

DESPORTO

Começaram as obras do Estádio Municipal!

Quando, no último domingo, no intervalo e no final do jogo disputado de tarde na Amorosa, as instalações sonoras do campo anunciaram que os assistentes ao mesmo podiam regressar ao centro da cidade, sem utilizarem a apertada ponte de Santa Luzia, não foi, sem emoção, que vivemos esse momento.

Como muitos mais, como o próprio Presidente da Câmara, lá viemos, pisando os terrenos do futuro Estádio. Foi uma caminhada cheia de simbolismo, sobretudo para aqueles que, há longos anos, ansiavam pela obra que vai dar ao Vitória o desafio de vida de que tanto precisa. — Não se pisava, naquela caminhada, terrenos destes ou daqueles proprietários; calcavam-se, sim, terrenos do Município, que a Câmara já tinha adquirido para permitir a construção do Parque de Jogos da Cidade.

Naquele instante todos sentiram, como nós, certamente, sincera satisfação! Foi a ocasião concreta de viver a possibilidade do Estádio. Mas muitos, como nós próprios também, não sabiam certamente que, dias depois, se começariam a remover as terras e o rectângulo do Estádio principiaria a desenhar-se para orgulho de todos os desportistas de Guimarães!

— No passado sábado, dia 3 de Março de 1956, as máquinas começaram a remover as terras e a tornar realidade o Estádio Municipal! Sentimos, neste momento, uma satisfação que não há palavras que a exprimam. Orgulhamo-nos de, nos últimos tempos, termos, nesta tribuna desportiva do *Notícias de Guimarães*, pugnado, como ninguém, pela construção do Estádio Municipal. — Por isso esta ocasião é, para nós, de verdadeira euforia, como o é, simultaneamente, para todos aqueles que têm trabalhado pelo progresso do Desporto vimaranesense.

Para expressar à Câmara a nossa gratidão, a sincera gratidão de todos os desportistas vimaranesenses, não encontramos palavras para a dizer! — Assim, fomos à sede do Vitória e pedimos permissão para, do Relatório da sua Gerência de 1955, transcrevermos as palavras que lá vinham registadas a propósito da concretização desta valiosa obra: «Primeiramente este, que é do mais fundamental interesse — a Ex.^{ma} Câmara Municipal de Guimarães, da digna Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira, adquiriu os terrenos onde, em breve, se iniciarão as obras da construção do Estádio Municipal.

«Se recordássemos os Relatórios das várias Gerências do Clube, tantos quase quantos os anos de existência que o Vitória tem, nunca sempre víriamos expresso o desejo de que se consumasse esta sua ambição — a de ter um Campo de Jogos capaz de albergar aquele número de assistentes que possibilitam as grandes receitas e, consequentemente, o seguro engrandecimento do Clube.

«Não podemos deixar, aqui, de nos referirmos a Câmaras de Outras Presidências, que sempre diligenciaram satisfazer esta nossa pretensão, mas, concretamente, foi a actual que realizou a grande possibilidade de o Estádio ser uma certeza.

«Por isso aqui propomos, prestando homenagem conjuntamente a toda a Câmara, desde o seu ilustre Vice-Presidente aos Ex.^{mos} Vereadores, que seja eleito Sócio Honorário do nosso Clube, o actual Presidente do Município Vimaranesense, Ex.^{mo} Sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira, e confiadamente esperamos que esta proposta seja aprovada por aclamação.»

Bem haja a Câmara Municipal de Guimarães!

Um de Nós.

A "MARATONA" DO FUTEBOL NACIONAL

VITÓRIA, 5 — U. COIMBRA, 0

Da tendência para fazer "linhas"

Vivem os adeptos do Vitória, os seus dirigentes e o seu responsável, uns momentos de verdadeira tranquilidade. O Vitória está, sossegadamente, a aguardar o início da poule final desta «Maratona». E escusado recordar os sobressaltos que se viveram no início da prova. A herança tinha sido demasiadamente pesada e, por isso, levou o seu tempo a desvenenhar a equipa vimaranesense dos complexos que a dominavam. Agora, que existe tranquilidade, que se vive a hora do impulso, para tentar a *arrancada final*, que é a meta ansiosamente aguardada por todos aqueles que têm vivido este momento do Vitória, parece-nos — e parece-nos de sobremodo — que devemos continuar na tranquilidade de espírito (ou de comando) que possibilitou a vida eufórica que gozamos.

Pode parecer ao menos atento que estas palavras têm o seu que de extemporâneo. E assim deve ser encarada a circunstância que vamos abordar, pois a vida é tranquila e a equipa do Vitória singra com a plena confiança de todos nós...

Mas há coisas que, por serem absurdas, merecem uma referência. Não ficariamos, de modo algum não podíamos ficar tranquilos com a nossa consciência se não abordássemos, nestes nossos comentários habituais, uma coisa que aconteceu e que mostra, de forma evidente, sentidos que nem é bom pensar quais serão.

Nesta terra de Guimarães, onde todas as suas ruas se cruzam na Praça do Tournal, onde todos nós, à hora de depois do almoço ou à hora de antes de jantar, nos encontramos para vivermos os acontecimentos da cidade, causa tédio, ou melhor, admiração, que se verificarem factos sem justificação plausível.

Vem tudo isto a propósito duma notícia que temos a respeito do regresso de Ernesto à equipa do Vitória. Justifica-se, de todas as maneiras, a satisfação demonstrada por esse regresso, mas de modo algum se admite, que a pretexto disso, seja quem for, se dê ao luxo de votar no jornal a sua linha.

A linha do Vitória é, sem mecerer discussão, a do seu técnico. Pode cada um de nós pensar que, desta maneira ou daquela, é que a coisa estaria bem, mas, fundamentalmente, aquele que vive no *laboratório*, que é o Campo de Jogos, as actividades dos seus elementos é que sabe, sem controvérsia, aquilo que está bem, para, depois, resultar melhor.

Podem-nos dizer que a notícia que justificou este comentário era

coisa de somenos. Dessa categoria seria pela pessoa que a escreveu, mas é, sobretudo, com pequenas impurezas que os motores mais perfeitos avariam. Por isso, deixar passar sem um comentário o que aconteceu, seria não julgar quem cometeu um erro — possivelmente um erro de inteligência...

A equipa não estudante de Coimbra não foi, de maneira alguma, qualquer problema para o Vitória. Aglomerados na defesa, nem mesmo assim evitaram o crescer do resultado favorável às cores vimaranesenses. O seu único recurso foram os cantos, que sucessivamente os vimaranesenses marcaram, aliás sem o proveito que a sua quantidade, logicamente, justificava.

O encontro nada tem que contar. História simples duma equipa aglomerada na defesa contra outra sempre afoita no seu ataque. Sómente uma menção para a actividade de Rola, jogador que está a adquirir, sem discussão, a plenitude da capacidade que os seus méritos técnicos justificam.

Ficha do jogo: — Vitória: Silva, Bibilino e Cesário; Lutero, Silveira e Artur; Bártolo, Rinaldi, Ernesto, Rola e Benge. União de Coimbra: A. Júlio, Simões e Gomes; Severino, Pinto e Carvalho I; Luís Lopes, Carvalho II, Margalho, Inácio e Noronha. Arbitrou Mateus Pinto Soares, do Porto.

Golos da primeira parte — por Ernesto e Rinaldi. Golos do segundo tempo — por Artur, Ernesto e Rinaldi... todos para o Vitória, como o resultado o diz.

Resultados gerais da jornada: — Vitória, 5-U. de Coimbra, 0; Leões, 2-Boavista, 3; Leixões, 1-Tirsense, 1; Espinho, 2-Sanjoanense, 5; Peniche, 2-A. Viseu, 1; Salgueiros, 4-Gil Vicente, 1. O jogo Chaves-Vianense ficou adiado devido às neves caídas ultimamente em Trás-os-Montes.

A poule da Zona Norte acaba hoje com os jogos seguintes: Gil Vicente - Vitória; Vianense - Leões; Tirsense - Chaves; Sanjoanense - Leixões; A. Viseu - Espinho; U. Coimbra - Peniche e Boavista - Salgueiros.

O Vitória vai tranquilo a Barcelos. O resultado do encontro só tem o interesse relativo da glória de terminar a poule no primeiro

Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga

SEDE EM GUIMARÃES

ASSEMBLEIA GERAL

CONVITE

De harmonia com as disposições legais e estatutárias, tenho a honra de convidar os Senhores Associados, em pleno gozo dos seus direitos sindicais, a reunirem-se em Assembleia Geral, no Domingo, dia 4 de Março, pelas nove horas, na Sede Social deste Organismo Corporativo, sita à Praça de S. Tiago n.º 34, desta cidade, com a seguinte

ORDEM DO DIA:

Apreciação e aprovação do Relatório e Contas da Gerência de 1955.

Se à hora acima marcada não comparecer número legal de Associados, esta Assembleia funcionará legalmente uma hora depois com qualquer número de sócios.

Guimarães, 25 de Fevereiro de 1956.

O Presidente da Assembleia Geral,
José Firmino de Faria.

Leilão de Penhores

Caixa Geral de Depósitos,
Crédito e Previdência

Casa de Crédito Popular

AGÊNCIA N.º 69

GUIMARÃES

Avisam-se os mutuários que no dia 10 de Abril próximo futuro, pelas 14 horas, se procederá na Filial da Caixa Geral de Depósitos, em Braga, ao leilão de penhores cujos contratos tenham o pagamento de juros em atraso mais de três meses.

A Agência receberá juros em dívida até ao dia 3 do referido mês.

Repartição da Casa de Crédito Popular, em 6 de Fevereiro de 1956.

O Chefe de Repartição,

(150) (a) Carlos Mendonça.

Sofre dos Calos?

Não perca tempo e dinheiro com deslocções a outras terras para os tratar!

Trate-os em Guimarães, no Largo Condessa do Juncal, 27-1.º. Telefone 40471. 17

Use Gazcidla

lugar. Por outro lado a simpática equipa da cidade de Barcelos joga, neste encontro, a sua última possibilidade de ir à «Taça de Portugal». Teremos assim um encontro que as duas equipas encararão com estados de espírito diferentes. O que falta ainda ao Vitória, para alcançar o lugar por que ambiciona, obriga-o a disputar este jogo com o máximo cuidado, mas sem nunca deixar de pensar que o primeiro lugar, no final da poule, é sempre o melhor.

L. R.

Campeonato Nacional de Juniores

O D. F. Holanda triunfou por 5-0 sobre o Valadares. Isto diz tudo, ou quase tudo, sobre o encontro jogado, no último domingo, na Amorosa, para este torneio. Se não diz quase tudo é por que temos de fazer ao Valadares uma referência que não o abona — a de não saber perder.

A equipa dos escolares de Guimarães deu mais um passo de evidência no torneio e possibilitou ainda a sua classificação para a poule seguinte. O jogo que hoje disputa, em Vila Real, é-lhe fundamental. Acreditamos sinceramente nos seus méritos e, por isso, ficamos a aguardar um resultado final verdadeiramente glorioso para as nossas cores.

Ofertas e Procuras

Fábrica de Tecidos

Vende-se com 50 teares mecânicos e seus acessórios, assim como o prédio onde a mesma está instalada. Para informações, telefone n.º 4359. 27

Viajante encartado

Relacionado com a indústria e comércio, oferece-se. Resposta à Redacção às letras B. F. 127

Use Gazcidla

Prédio novo, de óptima construção, vende-se com ou sem recheio, na Rua Abade de Tagilde, em virtude do seu proprietário não poder, por motivo de doença, administrar os seus negócios. Tratar na Casa Simão, na mesma Rua, com Viúva de Simão Fernandes. 128

VENDE - SE

A propriedade da viúva Maria do Carmo Sequeira, no lugar da Vista Alegre (Polvoreira). Dois prédios com dois andares e cinco de rés-do-chão e estabelecimentos de padaria, mercearia e vinhos, com o rendimento de 20 contos por ano, um pomar com frutas e terrenos com rendimento de 8 pipas de vinho, 2 poços, um de bomba e um de motor eléctrico e água encanada.

Para informações, falar com Adão da Silva, no lugar do Mirante, em Polvoreira, ou António Ferreira, em Covas.

Explicações

Dão-se nas disciplinas de matemática e Físico-Químicas do Curso dos Liceus e Escolas Técnicas. Tratar no Largo do Tournal, 68. 141

Vai a Barcelos?

VISITE a Pensão e Pastelaria Arantes. Almoce e traga Sonhos e Paralelos

PENSÃO SÃO JORGE

1.ª CLASSE
R. Castilho n.º 50-1.º - Tel. 49906
LISBOA
A MAIS MODERNA
Conforto, Selecção, 91
Excelente Cozinha,
DIÁRIAS DESDE ESC. 50\$00

GUIMAR, L.^{DA} - Empreitadas

GUIMAR, L.^{DA} - Construções

Use Gazcidla

Sapataria ESTRELA

Rua de S. Dâmaso, 121-123 (Junto à Marisqueira)
Oficina permanente de consertos

Colocação

Escritório, Arm. ou viajar. Pretendo e tenho carro. 162 Informa esta Redacção.

Na Rua de Santo António, a SAPATARIA LUSO com o melhor e maior sortido em calçado para Senhora, Homem e Criança, ao dispor de V. Ex.^a.

Colocação

Escritório, Arm. ou viajar. Pretendo e tenho carro. 162 Informa esta Redacção.

Na Rua de Santo António, a SAPATARIA LUSO com o melhor e maior sortido em calçado para Senhora, Homem e Criança, ao dispor de V. Ex.^a.

Colocação

Escritório, Arm. ou viajar. Pretendo e tenho carro. 162 Informa esta Redacção.

Colocação

Escritório, Arm. ou viajar. Pretendo e tenho carro. 162 Informa esta Redacção.

Oferece-se

foguetista com curso da Armada apto a trabalhar com qualquer espécie de caldeiras ou motores. 146

Resposta ao próprio: José A. P. de Oliveira, Venda Nova «Britelo» — Celorico de Basto.

Professores,

precisam-se para Cursos de Contabilidade e Línguas de Francês e Inglês. Nesta redacção se informa. (164)

Câmara Municipal de Guimarães

ANÚNCIO

Faz-se público que no dia 22 de Março de 1956 pelas 15 horas na Sala das Sessões da Câmara Municipal de Guimarães perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para arrematação da empreitada de Fornecimento de 720.000 pedras para calçada à fiada, à razão de 60.000 pedras por mês.

Base de licitação,

108.000 \$ 00

(Cento e oito mil escudos)

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, suas Filiais ou Delegações o depósito provisório de 2.700\$00 (Dois mil e setecentos escudos), mediante guia passada pela Secretaria da Câmara Municipal em qualquer dia útil, durante as horas de expediente até às 12 horas do dia do concurso.

O depósito definitivo será de 5 % da importância da adjudicação.

O programa do concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Repartição de Obras da Câmara Municipal de Guimarães.

Guimarães, 25 Fevereiro de 1956.

O Presidente da Câmara Municipal,

José Maria Pereira de Castro Ferreira. (148)

hérnia

Ptoses — Eventrações

Nada tereis ainda feito de definitivo se não vos aconselhastes junto do especialista internacional

INSTITUT HERNIAIRE DE LYON

criador do moderno método

MYOPLASTIC-KLÉBER

Ide pois verificar e no primeiro ensaio ficareis maravilhado.

É gratuito.

GUIMARÃES — Farmácia HORUS

Largo do Tournal — Dia 10 do Março (149)

D. Brígida Teixeira

AGRADECIMENTO

Suas filhas, genros e netos vêm muito gratos testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que assistiram ao funeral da saudosa extinta ou por qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar em tão doloroso transe.

Guimarães, 2 de Março de 1956.

Emilia dos Anjos da Silva
Ana dos Anjos da Silva
João Francisco da Costa
Bento Mendes
Maria dos Anjos da Costa
Gualter Augusto Mendes
Maria Salomé da Silva
Mendes
Maria Alice da Silva
Mendes
Maria Alda da Silva
Mendes

(153)

Notícias de Guimarães n.º 1261-4-3-1956



COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

ARREMATACÃO

(2.ª publicação)

No dia 10 de Março próximo, pelas 11 horas, no Tribunal do 2.º Juízo desta comarca de Guimarães, terá lugar a arrematação em hasta pública e em primeira praça, do prédio ao diante mencionado e penhorado nos autos de execução ordinária em que são exequentes Manuel Carlos Guimarães Ayres de Azevedo, solteiro, maior, e Doutor Fernando Ayres, advogado e executadas D. Luiza Cândida Lemos de Almeida e outras, a saber:

PRÉDIO

Metade de uma morada de casas de um andar com lojas e quintal, sita na rua Gil Vicente, n.º 59 a 65, desta cidade, descrita na Conservatória competente sob o n.º 22.961 e inscrita na matriz respectiva no art. 493, que é posta em praça pela quantia de oitenta mil escudos.

A cargo do arrematante ficam as despesas da praça e o pagamento da sisa.

Guimarães, 8 de Fevereiro de 1956.

O Juiz de Direito,

Valdemiro Ferreira Lopes.

O Chefe da 1.ª Secção,

José Maria Soares. 118

LAVRADORES INDUSTRIAIS PROPRIETÁRIOS

Reparem nos TUBOS GALVANIZADOS que se aplicam nas vossas instalações. Não os comprem de parede reduzida... Como somos os únicos importadores no Concelho, somos os únicos que podemos fazer bons preços.

A Competidora de Representações, L.^{da}

RUA DA RAINHA N.º 115 — TELEF. 4523

Grande Reclame

POR UM ESCUDO PODE V. EX.^a ADQUIRIR UMA ÓPTIMA CANETA DE TINTA PERMANENTE INSCREVENDO-SE NAS VENDAS A PRESTAÇÕES DE 1\$00 POR SEMANA NA

CASA DAS NOVIDADES RUA DA RAINHA GUIMARÃES